

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Departamento de Antropologia

Nicolle de Souza Andrade

**“Um trabalho como outro qualquer”**

O corpo humano morto enquanto objeto pela perspectiva dos Coveiros de um Cemitério  
Municipal da Grande Florianópolis.

Florianópolis

2020

Nicolle de Souza Andrade

**“Um trabalho como outro qualquer”:**

O corpo humano morto enquanto objeto pela perspectiva dos Coveiros de um Cemitério Municipal da Grande Florianópolis.

Trabalho Conclusão do Curso de Graduação em Antropologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Antropologia  
Orientador: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Flavia Medeiros

Florianópolis

2020

Andrade, Nicolle de Souza

"Um trabalho como outro qualquer" : O corpo humano morto enquanto objeto pela perspectiva dos Coveiros de um Cemitério Municipal da Grande Florianópolis. / Nicolle de Souza Andrade ; orientadora, Flavia Medeiros, 2020.  
65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em Antropologia,  
Florianópolis, 2020.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Antropologia. 3. Tabu da morte. 4.  
Coveiros. 5. Cemitério. I. Medeiros, Flavia. II.  
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em  
Antropologia. III. Título.

Nicolle de Souza Andrade

**“Um trabalho como outro qualquer”:**

O corpo humano morto enquanto objeto pela perspectiva dos Coveiros de um Cemitério Municipal da Grande Florianópolis.

Trabalho Conclusão de Curso submetido à banca examinadora para fins de avaliação e obtenção do título de Bacharel em Antropologia orientado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Flavia Medeiros

Florianópolis, 24 de novembro de 2020.

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flavia Medeiros. Departamento de Antropologia/UFSC  
Presidente da Banca Examinadora

---

Prof. Dr. Rafael Victorino Devos. Departamento de Antropologia/UFSC  
1º Examinador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Andréia Vicente. Departamento de Antropologia/UNIOESTE  
2ª Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Sem a base proporcionada pelos meus pais, este trabalho jamais teria sido sequer pensado; com a possibilidade de escolha que me deram, sobre que curso fazer, que tipo de pessoa ser, pude desenvolver certos aspectos que superam qualquer expectativa que eu mesma tinha e por isso agradeço. Agradeço pelo esforço que ambos tiveram para que eu e minha irmã alcançássemos o que não pudemos experimentar; para que tivéssemos a opção de escolher, mesmo que esta opção fosse em alguns casos, a desistência; agradeço os muitos momentos de escuta e mesmo o orgulho que sentem nesse momento tão esperado. Obrigada.

A Bruna, minha irmã, agradeço por sempre demonstrar coragem, seja para tentar algo novo, insistir em uma ideia e embarcar com toda força nessa decisão. Sua valentia em sempre tentar, em sempre pensar em outro jeito, me inspirou, mesmo que você não saiba.

Não sei se foi sorte, destino ou mero acaso, mas fico grata por qualquer que tenha sido o motivo que me levou a conhecer vocês Kalena e Giovanna. Nesse processo de graduação, banhado de dúvidas, vocês foram a certeza de um abraço amigo. Gi me ensinou tanto, seja sobre a faculdade, seja sobre a vida, e por tanto, muito obrigada! Kalena me apresentou caminhos que nem pensava em atravessar, me mostrou oportunidades e alternativas, plantando sementes de ideias que hoje florescem. Obrigada por me permitir essa amizade meninas.

Aos meus sogros, muito obrigada, pelas palavras de consolo, pela constante torcida, pelas preocupações e por me receberem como família.

Aos professores de Antropologia, muito obrigada pelos ensinamentos, pelas aulas elaboradas; agradeço em especial a professora Flavia Medeiros, por aceitar o papel de orientadora e a partir das conversas, correções e discussões, possibilitar a concretização deste trabalho. Sou muito grata pelo privilégio de aprender com a professora.

Por fim, obrigada Victor. Por tudo. Por ser certeza, por me ajudar a resolver problemas e quando isso não é possível, carregar comigo essa dificuldade. Por me mostrar que sou suficiente, por incentivar para que eu vá em frente, por construir planos e por escolher dividir sua vida comigo.

A todos envolvidos direta ou indiretamente, muito obrigada.

## RESUMO

A pesquisa etnográfica a seguir busca compreender como se constituem as relações com o corpo humano morto, observando, a partir das perspectivas dos coveiros de um Cemitério Municipal da Grande Florianópolis, aspectos quanto ao tabu da morte e como este se apresenta nesse contexto, assim como as técnicas que concretizam o trabalho desses funcionários; estabelecendo, desde o princípio, a aproximação com o campo, exemplificando-o afim de aproximar o leitor do mesmo e nesse processo, localizando temporalmente o momento de pesquisa.

Tendo como base a “observação flutuante” (PÉTONNET, 2008), o trabalho de campo não se limitou às trocas com os coveiros, abarcando os visitantes e outros trabalhadores do mesmo como objeto de análise. Trazendo como interlocutores fixos os coveiros, são as relações que se estabelecem a partir deles que constituem o corpo do trabalho; assim, são apresentadas parte da história desses homens, além de aspectos administrativos que envolvem a profissão.

**Palavras-chave:** Cemitério; Coveiro; Morte; Técnicas.

## ABSTRACT

The following ethnographic research aspires to comprehend how the relationships with the human dead body are constituted, watching, from the perspectives of the gravediggers on a Municipal Graveyard of Grande Florianópolis, aspects as the death tabu and how it shows itself in that context, as the techniques that materialize the work of these employees; establishing, since the beginning, the approximation with the field, making use of exemplifications as to approximate the reader and this theme and in the process localizing temporarily the research period.

Having as a base the “l’observation flottante” (PÉTONNET, 2008), the field work wasn’t limited to the exchanges with the gravediggers, but included the visitors and other workers of the field as analysis objects. Bringing as fixed interlocutors the gravediggers, it is the relations established from them that constitute the body of this work; furthermore, historical aspects of those men are presented, and the administrative aspects that encompass the profession.

**Key-words:** Graveyard; Gravedigger; Death; Techniques.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
1.1. O familiar.....	10
1.2. A colina.....	13
1.3. Pandemia.....	25
2. SOBRE O PROCESSO DE MORTE.....	30
2.1. O tabu da morte.....	31
2.2. Trabalho e técnicas.....	37
2.3. Gavetões.....	41
2.4. Exumação.....	45
3. O QUE APRENDI COM OS COVEIROS.....	48
3.1. “Um trabalho como outro qualquer”.....	49
3.2. Administração e controle.....	52
3.3. Morte mas não fim.....	55
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	62

## 1. INTRODUÇÃO

No presente trabalho de conclusão de curso, o assunto é morte. A partir deste tema, são elaboradas problemáticas sobre o que acontece com os corpos, quando estes passam a existir como cadáveres. Nesse sentido, a pesquisa se desenvolve em um Cemitério Municipal da Grande Florianópolis, tendo como principais interlocutores, os coveiros. Em sua labuta diária, esses trabalhadores da morte, se encontram numa situação de fronteira entre os vivos e os mortos, os corpos e os restos. É nesse contexto, que a pesquisa procura desenrolar questões quanto ao tabu da morte, a naturalização desse trabalho com os mortos, questões quanto ao estranhamento daquilo que é familiar, procurando ainda, familiarizar o exótico, transformando esse olhar de visitante no de pesquisadora, antropóloga.

Nessa tentativa de compreender nosso fim, aspectos das técnicas utilizadas pelos coveiros, pelos outros trabalhadores da morte, envolvidos nesse processo de morrer, são analisadas a partir de metodologias e compreendidas dentro de problemáticas antropológicas, a fim de constituir uma base argumentativa. Questões referentes a própria elaboração do cemitério são observadas, como o que define determinado terreno como uma cova, como se caracterizam as especificidades referentes ao manejo do corpo, o que acontece com os restos mortais quando necessária a abertura de cova para um novo corpo, o que diferencia os corpos dos cemitérios verticais e das covas de chão. A pesquisa escrita, tem como intuito, sintetizar o que foi aprendido em campo, sobre o serviço essencial provido por esses trabalhadores.

Mesmo que os coveiros, nesse contexto, se apresentem como principais interlocutores, como posto anteriormente, que seja a partir da vivência deles, que essa pesquisa se desenvolva, partindo da “observação flutuante”<sup>1</sup> (PÉTONNET, 2008), os diálogos mantidos com visitantes e outros trabalhadores do cemitério, são considerados como tema de observação. Assim, trocas com familiares e amigos, que visitam os túmulos; observações relacionadas a essas visitas, bem como velórios e sepultamentos, são objetos de análise; a relação dos vizinhos com o cemitério e as funções de outros trabalhadores, como a limpeza das capelas por parte de uma moça jovem, o transporte de corpos das funerárias para outros cemitérios ou o posto de 24 horas dos homens que trabalham na administração do cemitério, são alvos de reflexões, mesmo que tenham se apresentado de forma ocasional, pois podem representar indícios de regras intrínsecas ao funcionamento do cemitério.

---

1 Observação Flutuante consiste em estar disponível para qualquer circunstância, para que as informações penetrem sem filtro e assim seja possível descobrir regras adjacentes.

Embora a pesquisa tenha se iniciado oficialmente em janeiro de 2020, as visitas ao mesmo, são muito anteriores. Antes de iniciar a pesquisa para fins do trabalho de conclusão de curso, já havia feito outros trabalhos no cemitério<sup>2</sup>, e antes mesmo de pensar em me formar em antropologia, meus laços com o cemitério já estavam forjados por parentes que fizeram desse local sua última morada; nesse sentido, estranhar o familiar (VELHO [ca. 1974]), se torna mais que uma base teórica, mas uma questão pessoal.

Vale lembrar, que a pesquisa teve início antes da situação de pandemia, e conseqüentemente, da quarentena ser instalada devido ao vírus Covid-19; as visitas físicas foram possíveis, seguindo o conceito de “observação flutuante” (PÉTONNET, 2008), onde a observação participante e flutuante estiveram presentes até meados de abril. Depois dos acontecimentos que se seguiram, que forçaram a transformação da pesquisa, as trocas com os principais interlocutores, se deram por meio digital (MILLER, 2015).

Apresentando o espaço do cemitério, onde o ofício desses indivíduos se desenvolve, busco incluir detalhes, de forma que seja possível transparecer a sensação de estar lá e de empatia, seja pelos corpos mortos, quanto aos corpos vivos.

### **1.1. O Familiar**

Não sei dizer qual foi a primeira vez que visitei o cemitério, não sei nem ao menos dizer quantos membros da família estão enterrados lá. O que posso dizer, é que mesmo não tendo grande conhecimento sobre o que acontecia lá, como os rituais fúnebres se desenrolavam, sempre gostei de ir até o cemitério. Tão silencioso, me trazia, e ainda traz, uma sensação de paz. Eu gostava de andar entre as lápides observando as fotos, fazendo as contas de quantos anos essa pessoa tinha vivido, coisa que não mudou com o tempo. Sabia que ali, era o último lar de muitas pessoas, muitos parentes, mas nunca consegui ficar exatamente triste por esse fato, já que sempre me pareceu um lugar muito tranquilo. Apesar de estar apreensiva em começar o trabalho, ansiosa para construir dados, essa sensação de calma foi me absorvendo enquanto andava entre os túmulos do cemitério.

---

2 Um trabalho para a disciplina Antropologia do Objeto, em forma de vídeo, observando o trato dos coveiros sobre o corpo morto, a partir dessa categoria de objeto, como propõe essa mesma pesquisa. Feito ainda o projeto para o TCC, com o tema decidido como tal, iniciado na disciplina de Metodologia de Pesquisa II; trabalhos e disciplinas que ajudaram a implementar esse tema de pesquisa para o TCC e ambas de 2019/1.

Nas ocasiões em que visitei o cemitério, para limpeza e manutenção de uma lápide de algum parente, que geralmente aconteciam numa sexta-feira de cinzas, pude acompanhar as mudanças que aconteciam no cemitério. Os jardins laterais, davam lugares a novas covas, o caminho de acesso pela rua de trás, foi fechado e o espaço antes ocupado por grama e mato, deu lugar aos “gavetões”, aos cemitérios verticais. Atualmente o cemitério está exaurido em sua capacidade de covas, recebe corpos apenas de quem já tem terreno para comprado ou familiar enterrado a mais de cinco anos, quando a abertura de covas com corpos é permitida; em raras circunstâncias, os coveiros são instruídos por seus chefes a abrirem uma nova cova. No período de oito meses de trabalho de campo, acompanhei apenas um caso dessa situação.

Antes de dar início a pesquisa de campo, no fim do segundo semestre de 2019, minha tia faleceu. Todo esse processo, inesperado, foi marcado por muita dor e confusão; como já havia feito outros dois trabalhos relacionados a faculdade no primeiro semestre de 2019, nesse mesmo cemitério onde aconteceu seu velório e onde o corpo foi sepultado, era conhecida dos coveiros. Enquanto me encontrava como familiar enlutada, era também pesquisadora, e as atividades dos coveiros não me passaram despercebidas. Durante a abertura da cova que abrigaria minha tia e onde seu marido aproximadamente 39 anos atrás, tinha sido enterrado, os coveiros conversavam, acostumados com o trabalho. Um pouco mais tarde nesse dia, descobri que faziam mais que conversar, os coveiros apostaram sobre o que achariam na cova, pelo longo tempo fechada. No processo de entender toda a confusão de luto e cansaço, me encontrei antropóloga, e estranhar o familiar (VELHO, [ca. 1974]) aconteceu quase naturalmente.

Esse era o primeiro velório e sepultamento que acompanhava, não sabia direito onde me posicionar, como me colocar; a experiência etnográfica como coloca Magnani (2009), se apresentou de pronto nessa primeira impressão; nela tudo era digno de observação, a dificuldade em me encaixar, de saber o que fazer, junto a vontade de participar para entender, assim como a ação e reação dos participantes, dos coveiros. O cemitério, local conhecido por mim como um lugar de paz, se transformou nesse contexto, para lugar de luto, de curiosidade... na tarefa de estranhar o familiar (VELHO, [ca. 1974]), me encontrei familiarizando o exótico (DAMATTA, 1978). Era o primeiro ritual desse tipo que acompanhava, tanto como familiar, e no “estalo” da experiência etnográfica (MAGNANI, 2009), como antropóloga, era necessário compreender o estranho, mesmo que este me fosse familiar.

Quando me contaram que alguém precisava acompanhar a abertura da cova com uma prima que estava em um estado bastante crítico, me prontifiquei; eles já haviam retirado a cobertura inicial, estavam abrindo a carneira – proteção de concreto obrigatória – e lá embaixo estavam os restos mortais em osso, bastante escuros, ainda vestindo o terno azul. Os coveiros ficaram impressionados com o estado da roupa, “Não se faz roupa como antigamente” um deles disse. Era em torno disso que corria a aposta. Não sei dizer se de fato consegui me distanciar para observar a cena como pesquisadora, se o exótico se apresentou nesse momento como familiar (DAMATTA, 1978), se estranhei o que conhecia (VELHO, [ca. 1974]), de qualquer forma, todas as relações que aconteceram nesse momento, foram tão interessantes, que depois disso ficou evidente que esse era mesmo o tema da minha pesquisa e que o trabalho já tinha começado.

Antes de ser sepultada, correu entre os parentes, a notícia de que aquela poderia não ser a cova do marido, uma vez que na época em que ela foi comprada, uma outra família pediu para fazer uma troca, que foi aceita. Mais tarde, em campo por um novo coveiro, soube que essa parte central do cemitério, é onde se encontram as covas mais antigas, e segundo meus familiares, nessa época não eram tão raras essas trocas de terreno. Assim, foi preciso procurar entre os mais velhos, alguém que lembrasse da roupa com a qual o homem foi enterrado. Confirmada a identidade, os coveiros puderam continuar com seu trabalho, juntaram os ossos, o terno, colocaram para fora da cova, Pedro e João<sup>3</sup>, que me reconheceram nesse momento, me cumprimentaram e perguntaram se eu gostaria de eles arrumarem a cova. Eu não tinha a menor ideia do que isso queria dizer, eles entenderam minha hesitação, explicaram que poriam brita no fundo, ajeitando para que ficasse plano; eu não sabia se podia, minha prima confirmou que sim e assim eles fizeram, baixaram então os restos de terno azul, e o colocaram em um canto ao fundo da cova.

Relembrar esses acontecimentos não me agrada, mas é preciso ter *Anthropological Blues* (DAMATTA, 1978), ao elaborar o prático no teórico, é possível compreender que além das emoções que me precipitavam, outras relações aconteciam nesse contexto, relações que exprimem problemáticas referentes ao campo da antropologia; enquanto não podia me relacionar aos coveiros e sua aposta como um familiar enlutado, podia ter empatia enquanto antropóloga para entender que esse acontecimento tão extraordinário, mesmo que seja inalterável, para minha família, é o cotidiano desses trabalhadores. São tantos

---

3 Os nomes dos coveiros e de outros funcionários foram alterados para que suas identidades fossem preservadas.

questionamentos que surgem quando se aceita essa realidade, que a aposta em si, tornou-se quase uma piada, a curiosidade por parte deles, de saber quem foi, tornou-se uma troca, e por fim essa lembrança, nesse primeiro momento onde tudo é observado e significativo (MAGNANI, 2009), se tornou mais um dado imprescindível de análise para pesquisa.

Existe na certeza da morte, o estranhamento pela mesma. Geralmente afastada e até mesmo negada, a morte que reconhecemos ser inerente, é transformada no exótico VELHO, [ca. 1974]) quando vista de perto; para os coveiros, essa categoria exótica é o familiar (DAMATTA, 1978), ao lidar diariamente com esse tabu, essa parte estranha ainda que óbvia, torna-se uma necessidade familiarizar-se com ela, tornar “um trabalho como outro qualquer”<sup>4</sup>, a labuta de lidar com a estranheza da morte.

## 1.2. A Colina

O cemitério em questão, é localizado na parte continental da Grande Florianópolis, ou seja, deslocando-se da Ilha de Santa Catarina, passando a ponte, chegamos a parte continental, onde Florianópolis se estende até a fronteira do município de São José. A Grande Florianópolis, se refere as cidades que cercam a mesma, ainda que entre elas, existam outros municípios. Assim, São José, Biguaçu, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, entre outros, fazem parte da Grande Florianópolis.

Desde de muito longe no bairro plano, você já consegue ver partes do Cemitério Municipal o qual me refiro, pois ele fica em uma colina que se destaca da grande parte litoral que cerca o cemitério. Essa especificidade segue a disposição SANTA CATARINA. Decreto nº 30.570, de 14 de outubro de 1986, expedido pelo governador da época, Esperidião Amin Helou Filho, que define, seguindo a determinação BRASIL. Lei nº 6.320, de 20 de dezembro de 1983, referente às normas gerais de saúde, que os cemitérios devem ser construídos em áreas elevadas; sendo assim, sua localização e paisagem, é devido a essa particularidade.

Seguimos a BR em sentido norte para chegar ao cemitério, se olharmos a direita agora, é possível ver um grande terreno baldio, coberto de vegetação; vamos virar a direita em uma rua curta de acesso ao portão grande de ferro do cemitério. Se seguirmos a esquerda nessa

---

4 Uma das primeiras falas do Coveiro Pedro, referente a percepção do seu trabalho. Dado recolhido em pesquisa anterior, para a disciplina de Antropologia do Objeto, mencionada anteriormente. É o título deste trabalho.

pequena rua, vamos entrar no comércio vizinho, com um ramo bem diferente de trabalho, um motel. Vamos subir essa rua que nos leva ao cemitério; a sua direita, antes de entrarmos pelo portão, fica um prédio largo de três andares, pintado de bege, onde no último andar exibe o nome do mesmo.

Ao nível da rua, que sobe de forme íngreme para dentro do cemitério, e virando para a direita do prédio, entra-se em um corredor em forma de sacada no segundo andar do prédio. Ali se encontram 4 salas, a primeira, com portas de vidro com película refletora em azul, é onde se localiza a administração do cemitério, colados nessa porta de vidro, estão notificações sobre as horas de funcionamento, 24 horas, e agora sobre as medidas de segurança em relação ao coronavírus. Lá dentro é possível ver um balcão, uma cadeira, onde certa vez observei um funcionário que assistia a televisão apoiada logo a frente; é possível ver um monitor com imagens de câmera, não posso afirmar, porém qual local do cemitério essas câmeras filmam.

Andando em frente, no mesmo padrão da administração, a primeira funerária exibe portas de vidro onde no seu centro traz uma faixa azul com o nome da funerária. Acima, pequenas janelas de vidro, com película protetora em azul, compõem o cenário. Não foram em todas as ocasiões que pude observar o interior dessas salas, mas está, assim como as outras duas, exibem poltronas almofadadas e quadros que mostram cenas como a Santa Ceia, pintada por Da Vinci, ou cenas relacionadas a religião católica. As três salas destinadas as funerárias, seguem a mesma formalidade, a última funerária, entretanto, tem uma sala um pouco maior, sua porta parece estar arrombada, onde deviam estar as maçanetas, estão dois buracos, e lá dentro é possível ver caixões de diferentes tamanhos. Em madeira mais clara ou escura, trazendo uma cruz de prata ou não, ficam empilhados ao fundo da sala junto com várias cadeiras estafadas azuis; nunca entrei nessa sala. Certa vez, em uma visita, fui conferir estas salas, tinha bastante vento e enquanto observava as folhas secas entrarem pela porta arrombada, percebi indícios de que alguém utilizou esse espaço como abrigo. Cobertores estavam junto a porta, formando uma cama, colados a parede lateral, bem distante dos caixões. Minha impressão é de que ainda tinha alguém ali, porém não entrei para conferir.



*Figura 1*

A foto ilustra esse momento, expõem a possível utilização do espaço por moradores de rua (do lado esquerdo), além do depósito de caixões de diferentes tamanhos, de cadeiras que estão quebradas ou não. Observando mais atentamente a imagem, pode-se depreender que está sala, tem ligação com a sala vizinha, o que não posso afirmar com certeza, assim como a dimensão de mesma.

Pensando além do “enquadramento”<sup>5</sup> (BUTLER, 2015), é possível notar que a foto em si está bastante tremida, que compromete a qualidade da foto. Isso se dá pelos outros sentimentos que entram em conflito com as noções de paz e tranquilidade que inicialmente tinha pelo cemitério. Nesse momento de captura da foto, estava com certo medo, pois esse local é afastado da movimentação do lado de dentro do cemitério, longe dos coveiros e mais afastado da administração nesse mesmo corredor. Tive medo de ser assaltada, de me deparar com alguma situação que não pudesse controlar, por esse mesmo motivo, nunca entrei nessa sala, mesmo que ela permanecesse aberta. Houveram recomendações tanto dos coveiros, como de conhecidos que estão familiarizados com o cemitério, de não frequentá-lo a noite, não ir a certos lugares sozinha em determinados horários, inclusive, houve reclamações aos coveiros durante o período de pesquisa, por uma visitante e a moça da limpeza, sobre um homem que estava mostrando suas genitálias. Ele foi posto duas vezes para fora pelos coveiros e não voltou mais até o fim do trabalho de campo, mesmo assim, eles me recomendaram não andar tão afastada de seus olhares.

Não é possível ver muita coisa das funerárias, mas por um pequeno basculante, entre a funerária um e dois, pude observar um chuveiro. Pelas ponderações feitas sobre essas salas, fica difícil compreender onde se guardam todos os equipamentos destinados a preparação dos corpos, um indício de que isso de fato acontece nessas salas, foi esse chuveiro e um leve cheiro de álcool que senti no ar em uma das visitas, antes da instaurada pandemia.

Se voltarmos por onde viemos, subindo a rampa ou a escada de acesso a esse corredor onde ficam as funerárias e a administração, vamos ver que mais a direita, tem uma rampa feita de lajotas, que levam ao primeiro andar do prédio. Foi dali de baixo que ouvi vozes conversando na primeira visita que fiz de noite. Estava no corredor de cima, já voltando, quando os escutei, primeiro achei que fosse alguém chorando, mas prestando atenção, percebi que eram risadas. Olhei para baixo, da sacada do segundo andar, e vi três homens e uma

---

5 Enquadramento é uma das problemáticas abordadas em “Quadros de Guerra” de Judith Butler, 2015; que questiona aspectos da fotografia, pensando além do que a mesma mostra mas como mostra o que mostra (pág. 110).

mulher conversando ao lado de um carro funerário, eles aguardavam para recolher um caixão, quando este chegou, vindo de dentro das salas do primeiro andar, empurrado em um carrinho, eles o colocaram no porta malas do carro, preparado para isso, pondo ali dentro, também a guirlanda de flores que estava em cima do mesmo. Conversaram mais um pouco, olharam para cima onde eu estava, se despediram, um dos homens entrou ao lado esquerdo, na direção do carro, e a mulher entrou no lado do carona; buzinaaram para o homem que fazia turno na administração e havia me abordado mais cedo, que no momento estava fumando, e foram embora em direção a BR.



*Figura 2*

Pela imagem, conseguimos ver o corredor sacada onde se localizam as funerárias e a administração, por onde observei a conversa que se desenrolava no andar de baixo, onde o carro funerário esperava por um caixão. Embora não tenha feito contato direto com esses trabalhadores, ao observar a atividade que acontecia no momento, ou seja, ao estar aberta aos rendimentos do campo (PÉTONNET, 2008), compreendi que ali se localizava uma parte das

funerárias, que existe um trânsito de caixões e corpos, que decorrem relações que antecedem o trabalho dos coveiros. É possível ver em análise da foto, parte do cemitério vertical, “gavetões”, laterais logo ao fundo da imagem, com informações sobre os corpos escritas em tinta branca, sem flores ou decorações. Vemos ainda a parte do terreno baldio vizinho ao cemitério.

O que se depreende dessa observação, é que embora as salas funerárias aparentem ser pequenas no segundo andar, existe um espaço para manejo dos corpos e dos caixões, que quando necessário, isto é, quando o enterro não irá acontecer nesse mesmo cemitério, é despachado por um veículo já preparado para isso, seguindo a portaria nº 639/SES de 19 de agosto de 2016; segundo essa portaria do estado de Santa Catarina, o traslado cadáveres só pode acontecer por carro funerário<sup>6</sup>.

Vamos subir a colina, entrando pelo grande portão de ferro pintado de azul. Quando entramos, podemos ver dois caminhos principais feitos de lajotas, o caminho da esquerda e um pequeno caminho que dá acesso à área das capelas e ao caminho principal da direita. Vamos seguir por esse pequeno caminho que dá acesso as capelas; elas ficam no terceiro andar desse prédio, onde ficam a administração e as funerárias, como subimos a colina, as capelas ficam no nível da rua, com entrada para o lado do cemitério. São aproximadamente seis capelas, pintadas de bege, com cadeiras estofadas e pequenos sofás; conseguem comportar aproximadamente sete cadeiras estofadas e um sofá de dois lugares nas laterais, um pequeno armário, um bebedouro, e o caixão no centro da sala próximo a parede lateral, com folga. Ao fundo, apresenta janelas de vidro e uma porta de correr, que dá acesso a uma sacada. É também nesse andar, que fica uma floricultura, que apesar de exibir o selo 24 horas na porta de vidro, só vi aberta uma vez. Em época de coronavírus, não a vi aberta uma única vez, assim como não presenciei velórios acontecendo nas capelas, mesmo que protocolos de segurança não proibissem as atividades, mas não a recomendassem, ou colocasse limite no número de participantes, além de outras observações.<sup>7</sup> Segundo os coveiros, na última visita feita ao campo físico no mês de junho, a cerimônia poderia acontecer num prazo de três horas caso a morte tenha ocorrido por outras causas que não o vírus. Caso a morte seja confirmada ou suspeita pelo coronavírus, o sepultamento acontecerá no momento em que o corpo chegar

---

6 Embora essa portaria seja referente apenas ao estado de Santa Catarina, essa determinação acontece em outros estados brasileiros.

7 A Nota Técnica DIVS nº 011/2020 de 16 de março de 2020, não proíbe os velórios, mas faz uma série de recomendações para evitar o contágio. A Nota técnica Conjunta nº. 025/2020 DIV/DIVE/SUV/SES/SC de 29 de março de 2020, não proíbe os velórios, mas não os recomenda; suspende cultos ecumênicos e cortejos fúnebres para velório.

no cemitério<sup>8</sup>, nesses casos existem outras precauções, principalmente relacionadas a vedação do corpo.

Segundo os coveiros, os velórios costumam acontecer no período da tarde, quando os corpos são enterrados, essa porém não é uma regra, existe a possibilidade do corpo ser enterrado durante a manhã, dependendo da liberação do cadáver para o processo, o tempo de velório, e agora em tempo de pandemia, de circunstâncias como as descritas anteriormente<sup>9</sup>. Durante o trabalho de campo, não houve a participação em um enterro, mas referente ao caso pessoal, que deu origem ao tema de pesquisa, comentado anteriormente, o enterro aconteceu no período da manhã, e o velório aconteceu desde a noite, aproximadamente 22:00 horas, até às 11:00 da manhã do outro dia, quando aconteceu o sepultamento. Nesse último andar, onde ficam as capelas e a floricultura, é onde também ficam os banheiros, separados por sexo, são um dos únicos banheiros do cemitério.

Vamos tomar o caminho da direita, seguindo em frente. Se olharmos para a direita, é possível ver o terreno baldio vizinho, assim como parte do cemitério vertical; esses cemitérios verticais, são conhecidos como gavetas ou gavetões, os interlocutores chamavam de gavetões, e circundam o lado direito e o fundo do cemitério. Eles têm entre três a sete gavetas de altura, e seis da largura, no caso das laterais direita, são construídos como prédios; estão dispostos lado a lado, seguindo da frente do prédio administrativo, como mostra a imagem 2, até quase ao meio do cemitério, nesse espaço cabem em torno de cinco prédios de gavetões.

Se olharmos para frente, não vamos conseguir ver o fim do cemitério, vamos ver uma subida leve, onde por vezes despontam pequenas torres de lápides mais trabalhadas. A esquerda, onde a colina se estende nas mais variadas lápides, vemos covas que se sobrepõem ao chão, se elevam até dois andares para fora da terra; como já apontado, em casos raros esse cemitério faz a abertura de novas covas, sendo assim, muitas covas já estão ocupadas, assim são elevados os espaços para no sepultamento de um novo corpo. Algumas covas são divididas por três membros de uma mesma família.

Vamos seguir em frente, passando o meio do cemitério, começamos a ver o telhado e parte das casas vizinhas, ouvir os barulhos das pessoas que vivem lá. É possível ouvir galos, cachorros, barulho de conversa, de serra elétrica, enfim barulhos cotidianos. As casas vizinhas ao lado direito, são próximas o suficiente para que parte da parede de sustentação do telhado

---

8 O Decreto nº2978, de 25 de agosto de 2020, corrobora a afirmação dos coveiros sobre as vítimas dos vírus, mesmo não se referindo a mesma região.

9 Quando a morte ocorre devido ao Covid-19, o sepultamento ocorre assim que este chega ao cemitério, estando completamente lacrado dentro do caixão.

de uma fábrica de cerâmica, segundo um dos interlocutores, seja o muro de delimita o cemitério. Uma dessas casa se estabelece tão próxima ao cemitério, que existe um portão de acesso dela, para o cemitério e sua parede de fundo, é parte do cemitério. Apesar da parede ser parte da fundação da casa, nela não se observam janelas, apenas um pequeno basculante.

O fim desse caminho principal, se fecha em uma grande quadra e a colina começa a descer. A frente conseguimos ver e ouvir o mar, por vezes, misturado a um leve cheiro de mofo e velas, o cheiro de maresia. As percepções sensoriais funcionam como uma estratégia de pesquisa (MEDEIROS, 2014), por ela se percebem relações que superam o limite do cemitério, pelos sons captamos a rotina dos vizinhos, pelos cheiros, rastros de atividades que provocam afetação do pesquisador sobre a pesquisa. Quando é possível sentir a maresia, o sentimento é de tranquilidade, quando nos afastamos mais para baixo e sentimos o cheiro de mofo vindo dos gavetões, existe uma série de percepções que são promovidas por esse sentido. Quando o cheiro de putrefação de animais acontece, alertas que soam, o medo, o nojo, são sugestões daquilo que se refere os termos de pureza.

Estamos virando a esquerda agora, voltando para o caminho principal do lado esquerdo, mas antes vamos observar a rampa íngreme que leva aos gavetões aos fundos. Ali, o chão não é de lajotas, mas de areia e brita; o cheiro de mofo é mais intenso e por ser mais afastado e ser em um nível abaixo do restante do cemitério, lembrando que se trata de uma colina; é também mais perigoso, não sei dizer quantas vezes me alertaram para não ir lá em baixo. Poucos desses gavetões apresentam lápides mais trabalhadas, como as do restante do cemitério nas covas de chão; a maioria traz o nome do seu habitante em giz, ou tinta, algumas trazem vasos com flores de plástico, mas essas não são maioria.



*Figura 3*

O mar se estende por traz do cemitério, onde ficam os gavetões. Se observarmos a foto, vamos ver que esses são maiores que os laterais, chegando a ter mais de vinte gavetas de comprimento; são no nível mais baixo do cemitério, pela posição dos outros túmulos e a rampa de acesso, a direita da foto, compreende-se a impossibilidade de ver alguma coisa além do topo desses prédios sem descer até o local. É também ali, que os coveiros não recomendam minha visita sozinha, porque assim como é difícil enxergar algo além do topo, é complicado ouvir um socorro em caso de problemas, por exemplo. Essas recomendações, junto ao cheiro de mofo, a menor quantidade de sol, pois com a grande altura, os gavetões cortam parte da iluminação, o chão diferente, provocam uma atmosfera de medo, ou seja, as relações e sentimentos que se apresentam durante a pesquisa no cemitério, variam de acordo com as circunstâncias, locais e horários.

Subindo a rampa íngreme, voltamos ao caminho principal feito de lajotas. Estamos voltando pelo caminho da esquerda de quem entra. Virando a esquerda vemos um mar de

lápides de diferentes materiais, piso, mármore, tijolos, algumas exibem torres, outras figuras religiosas, alguns mausoléus compõem a paisagem. A direita, é possível ver como o cemitério se alarga para os lados nesse pedaço, como ele cresceu. Mais para cima, do lado esquerdo, é possível ver o telhado das casas vizinhas pelo muro alto, por vezes se escuta o barulho de obra e certa vez, observei dois homens trabalhando no telhado. Aqui as casas são mais afastadas, as covas e o mausoléu estabelecidos ali, são afastados do muro, observando por cima do mesmo, é possível ver que ali, onde o limite do cemitério começa novamente a estreitar, é o fim de uma rua residencial sem saída.

Vamos voltar para o caminho principal, onde as laterais começam a estreitar, é onde fica uma grande caixa d'água, ao seu redor, covas se espalham. Agora começamos novamente a descer a colina, começamos a ver e comparar, onde agora se encontram variadas covas, a maioria de crianças, ao lado direito, era onde antigamente, ficavam os jardins com muitas flores. Mais a baixo começamos a ver o cruzeiro das almas, um local destinado para se acender velas. Com uma grande cruz, o quadrado delimitado por tijolos, um pouco acima do nível da rua, fica o cruzeiro das almas, ali o cheiro de vela é intenso, e é onde também, que geralmente se realizam rituais durante a noite. Os coveiros contam, que por vezes, quando chegam de manhã, encontram ali potes com alimentos, bebidas alcoólicas lacradas, que alguns ficam tentados a levar para casa, galinhas e outros animais mortos. É responsabilidade deles dar fim a esses restos de rituais, e apesar de não poderem, acabam colocando fogo nos restos dessas galinhas e/ou outros animais, já que logo abaixo do cruzeiro das almas, fica o prédio destinado ao uso dos coveiros, e o cheiro de putrefação desses animais, pode ficar bastante pungente.

Mais uma vez, a percepção sensorial (MEDEIROS, 2014) é tema de análise, existe ao longo do cemitério, diferentes cheiros que podem por vezes passar despercebidos, porém é o cheiro de putrefação que mais incomoda, que não tem lugar no cemitério. Existe nessa categoria certa noção de pureza, observando o cheiro e os líquidos a ele relacionados, como sujeira. Nessa percepção a poluição remetida pelo aroma de decomposição, deve ser evitado (DOUGLAS, 2017). Considerando que o prédio de uso dos funcionários fica logo abaixo dessa área de ritual, que por vezes inclui sacrifícios de animais, essa problemática se apresenta com a quebra de regra dos coveiros na evitação dessa poluição.

O prédio dos coveiros é uma estrutura de um andar, tem cinco cômodos com acesso pelo lado de fora. O primeiro cômodo, da direita para esquerda, é o banheiro feminino, o

segundo, o banheiro masculino, somando todos os banheiros do cemitério. O terceiro cômodo, não sei dizer qual a sua funcionalidade, já que nunca vi seu interior. O quarto cômodo funciona como uma cozinha, tem uma geladeira, uma pequena mesa e algumas cadeiras, ali os coveiros guardam seus alimentos, por exemplo. É significativamente menor que as capelas, a sala não comportaria um caixão adulto, por exemplo. Na lateral desse prédio está o último cômodo, o maior cômodo desse prédio, é ali que são guardadas as ferramentas necessárias para a abertura de covas e manutenção do cemitério.

A frente desse pequeno prédio, fica um estacionamento para quatro carros, onde alguns coveiros estacionam seus automóveis. Mais à frente, fica um mausoléu, e um pouco mais a frente uma grande árvore que lança sementes grandes e pesadas. Foi na sombra desse mausoléu e dessa árvore, que tive a primeira conversa com o André, um dos coveiros interlocutores mais comunicativos que tornou esse trabalho possível. Ele também é o coveiro mais jovem da região da Grande Florianópolis, segundo ele mesmo.

Se descermos mais um pouco na colina, vamos nos direcionar para a entrada e saída do cemitério, o grande portão de ferro fica aberto durante o funcionamento do cemitério, de manhã e de tarde, durante o período da noite, ele permanece fechado; um pequeno portão lateral que dá acesso as capelas, é o único acesso. Se olharmos a esquerda agora, vamos ver as capelas, a estrada que leva ao caminho principal da esquerda.

Sáímos do cemitério, estamos agora encarando toda sua dimensão, é difícil saber quantas famílias e amigos tem seus entes queridos enterrados ali, nos espaços que se estendem de forma pouco regular, as lápides, as covas, são organizadas de forma vertical, ou seja, os corpos são deitados com os pés, dentro do caixão, virados para a entrada no cemitério, enquanto a cabeça aponta para o mar. Essa posição varia, pois os corpos que estão enterrados mais acima na colina, tem os pés virados para o mar e a cabeça para a entrada do cemitério, como apontam suas lápides<sup>10</sup>. Assim são dispostos em grandes fileiras, nem sempre de forma a ficar paralela uma lápide a outra, algumas, são estabelecidas mais a diagonal, então o caminho que se estende entre os túmulos, é irregular, sendo difícil colocar um pé na frente do outro.

---

10 É possível perceber essa diferença na figura 3.



*Figura 4*

Por esse motivo, é mais fácil e recomendável, caminhar pelas estradas principais, como descrevi até aqui, pois os túmulos são construídos de formas diferentes, assim, um apresenta uma cobertura, outros não, alguns trazem torres ou dois andares acima do chão; isso provoca limo entre os túmulos, principalmente entre os espaços estreitos que não tomam sol, tornando complicada a tarefa de andar entre os túmulos. É fácil cair, se perder ou perder a localização de um terreno nesse labirinto de lápides, a própria dimensão do cemitério, nesses aspectos, se chocam com a noção de paz idílica representada pela sua localização, a sensação de tranquilidade não transparece quando se tomam os caminhos entre as covas; a impressão sobre essas dificuldades, que mesmo os coveiros mais novos encaram, é de desafio, aventura e até mesmo irritação por não achar determinada zona, como são separados e chamados os locais do cemitério.

Na última visita física, feita ao cemitério, três homens procuravam a localização de seu terreno. Os irmãos disseram ao coveiro o nome que estava escrito na lápide, informaram

mais ou menos onde ficava, porém, os coveiros mais novos, não conseguiam encontrar. Todos começamos a procurar próximo ao caminho principal da direita, onde eles tinham certeza que estava, ficamos aproximadamente 15 minutos procurando, um dos irmãos já estava no telefone com uma outra irmã que sabia melhor a localização do terreno. Nesse dia, um outro trabalhador do cemitério, responsável geralmente, pela venda de carneiras, estava presente. Como Mateus<sup>11</sup> trabalha no cemitério a mais de 20 anos, ele foi capaz de ajudar; primeiro apontou a direção, nós não achamos, então ele foi até o local, encontrando-o na segunda tentativa. No túmulo ainda sem corpo, só havia um sapo coaxando, no dia anterior havia chovido, o cemitério estava úmido, e na procura por esse túmulo, um dos coveiros novos caiu e eu escorreguei.

O cemitério, em toda sua extensão, abriga muitos corpos em diferentes estágios de decomposição, de diferentes épocas e diferentes origens, abriga adultos e crianças, pessoas lembradas e pessoas esquecidas. É cenário de rituais, sejam eles relacionados ao sepultamento ou não, é motivo de tristeza, mas também de recordações; é um local de último de descanso para alguns e de trabalho para outros; cresceu de forma impressionante, e até hoje me pergunto porque tanta surpresa sobre esse fato, afinal, é impossível parar de morrer. Nele somos obrigados a encarar a realidade, a lidar com fronteiras e com tabus; é no cemitério, que podemos começar a questionar sobre a vida.

### **1.3. Pandemia**

Foi por volta da segunda semana de março de 2020, que a quarentena foi instalada<sup>12</sup>. As aulas presenciais foram colocadas em suspenso, o uso de máscara começou a ser discutido, assim como o fechamento do comércio. Todos aguardávamos um desenrolar rápido, uma questão de semanas para retomar a vida normal; agora faz mais de sete meses que estamos sem aulas presenciais, os shoppings já foram fechados, reabertos, e agora funcionam em horário reduzido, assim como os outros comércios. Nos supermercados, apenas a entrada de um membro da família é permitida, a temperatura é medida antes de entrarmos, nesse como em outros ambientes, sendo proibida a entrada sem máscara. Todas as etapas da vida normal foram afetadas, por causa do novo coronavírus.

---

11 Mateus, assim como os outros nomes citados no trabalho, são nomes fictícios dado aos funcionários.

12 O Decreto nº 515, de 17 de março de 2020 traz informações sobre o processo.

A pandemia teve seu início na China<sup>13</sup>, depois de atingir uma parcela significativa da população, o vírus começou a se espalhar pelo mundo. Chegou a Itália, e as notícias que recebíamos de lá não eram boas, o vírus continuava a se espalhar, assim, o uso de máscara começou a ser obrigatório, uma vez que o contágio do vírus funciona como o da gripe; álcool em gel 70%, era a nova tática de proteção, os abraços e apertos de mão, foram substituídos por toques de cotovelo ou toques com os pés, a distância de um metro e meio e dois metros, é o mais próximo que os mais cuidadosos se arriscam a chegar, mas isso não refreio o coronavírus.

Os sintomas também são parecidos com o da gripe, dor de garganta, tosse seca, febre, falta de olfato e paladar, diarreia, dor no corpo; nem todos os sintomas aparecem, variam de pessoa para pessoa. O contágio funciona de forma simples, pelo contato ou pelo ar, pela saliva, por espirros ou por tosses, por isso o uso de máscaras se tornou imprescindível, assim como o uso de álcool em gel 70%, pois esse é capaz de matar o vírus, caso tenha havido contato. Mesmo que a pessoa tenha sido contagiada e curada, não significa que não vá pegar a doença novamente, há casos em que isso aconteceu.

Enquanto nos Estados Unidos, a quarentena foi anunciada, e parte da população se desesperou, fazendo compras desnecessariamente grandes em supermercados, levando litros de álcool, muitos pacotes de papel higiênico, aqui no Brasil ria-se, ainda parecia muito distante, que não iria chegar aqui, mas chegou.

O vírus não escolhe quem irá infectar, mas parece escolher quem vai morrer, ou será que isso é uma decisão nossa? Os idosos são os mais afetados, os que já apresentam doenças, comorbidades; para o presidente da nação Jair Bolsonaro, a doença não passa de uma “gripezinha”, uma chuva na qual todos temos que nos molhar (CORTADO, 2020). Enquanto os números de morte começavam a subir, o presidente continuava a promover a venda do medicamento Cloroquina, sem nenhuma comprovação científica de que era eficaz contra o vírus.

Quando a quarentena já estava instalada, quando os comércios foram fechados, quando os ônibus foram parados, o número de mortes pelo vírus, não desacelerava, e foi nesse contexto, que os serviços de saúde começaram a colapsar. Não haviam mais leitos disponíveis nos hospitais, seja público ou privado; faltavam coveiros para fazerem as aberturas de covas, os rituais de sepultamento não estavam acontecendo, poucos membros da família

---

13 O Ministério da Saúde traz informações sobre a origem, contágio, sintomas, entre outras informações no site <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>> Acesso em 13 de novembro de 2020.

compareciam ao enterro, mantendo uma distância segura do corpo, dentro do caixão lacrado, dentro de sacos de proteção. Não haviam mais velórios, não era seguro, principalmente para as vítimas do Covid-19, que chegavam para o cemitério, lacrados de forma a conter o vírus e em pouco tempo eram enterradas. Em Manaus, não havia como enterrar em covas separadas, retro-escavadeiras abriam covas coletivas, e nesse período começaram as suspeitas de trocas de corpos. Os familiares queriam saber se estavam enterrando seu ente querido ou um desconhecido, então começaram a abrir os caixões lacrados.

Em Santa Catarina, a situação parecia sob controle, por Florianópolis ter sido uma das primeiras capitais a tomar medidas de prevenção contra o vírus (MEDEIROS E ANJOS, 2020), se mantinha fora do estado de emergência; aos poucos as medidas começaram a ser relaxadas, em Blumenau, a abertura dos shoppings, significou o aumento do contágio e por consequência, de óbitos. Hoje, passados mais de nove meses de quarentena, no Brasil, passamos de 169 mil mortes, em Santa Catarina o número passa de 3 mil óbitos, uma realidade que ainda parece distante; no Cemitério Municipal da Grande Florianópolis, onde se estabeleceu o trabalho de campo, apesar de todas as notícias, a quantidade de sepultamentos diminuiu, segundo os coveiros, havendo apenas dois casos de sepultamento de vítimas da Covid-19. Assim como em outras regiões brasileiras e do mundo, os rituais funerários, como o velório, no cemitério em questão, passaram a não ser recomendados, sendo possível realizá-los no prazo de uma hora e meia, com número de pessoas reduzido, aumentando, então para três horas, mantendo ainda, o número de convidados reduzidos, para os cadáveres de morte diferente do coronavírus.

Assim como nosso cotidiano foi transformado, muitos trabalhos de pesquisa, também foram obrigados a mudarem para outras metodologias. A referente pesquisa, inicialmente baseava-se na observação participante clássica proposta por Malinovski (1984), na proposta de observação e relação da observação flutuante de Pétonnet (2008), mas por causa da quarentena e das medidas de proteção contra o vírus, essa metodologia migrou para o campo digital. Vale lembrar que o momento em que o vírus chegou no Brasil, se estabeleceu como pandemia e a quarentena foi definida, foram em tempos diferentes, por isso, no primeiro momento em que o vírus se fez presente em Santa Catarina, a pesquisa de campo estava acontecendo ainda normalmente, com a repercussão das notícias dos casos, as visitas tiveram novas precauções. Com a quarentena instalada, houve apenas uma visita rápida, cercada de cuidados, ao cemitério, onde conheci os novos coveiros.

Apesar das conversas passarem a acontecer por aplicativos online, chats na internet, o contato permaneceu; acompanhando as mudanças do campo, seguindo os imponderáveis da vida real (LAGE, 2009), pela perspectiva de Malinovski, o trabalho se desenvolveu buscando abarcar grande parte dos eventos do cotidiano e em alguns aspectos, essa nova metodologia facilitou o trabalho de pesquisa, já que era possível focar em um assunto, assim como era possível retornar as conversas, que ficam gravadas nesses chats, para uma consulta posterior.

Essa transformação representou uma forma diferente de compreender não apenas o que estava acontecendo em campo, mas quem eram meus interlocutores, como se sentem nesse contexto digital, mais habitual para alguns do que a outros; assim como suas relações com o campo, no cenário de pandemia. No diálogo pelas vias digitais, não consigo observar o que acontece no cemitério, mais do que nunca, dependi daquilo que os coveiros, os interlocutores, tinham a me falar, e por vezes essa troca não vinha de forma fácil. No cotidiano deles, é difícil acontecer alguma coisa “diferente”, ou seja, na tentativa de naturalização desse trabalho, detalhes que para o pesquisador são momentos chave, dentro da pesquisa, para eles passam despercebidos.

A problemática foi presente mesmo nas mudanças ocorridas devido a pandemia; dentro das diferenciações que ocorriam no trabalho de sepultamento dos mortos, que é, dentro desse contexto de tabu da morte, extraordinário per si, as diferenciações de manejo dos corpos e relações com os vivos, foram abarcadas nessa naturalização, e essa percepção ficou mais evidente por essa nova forma de diálogo; onde mais uma vez eles buscam familiarizar o exótico (DAMATTA, 1978), pela possibilidade de conexão com os coveiros de forma direta, os imponderáveis da vida real (LAGE, 2009), ou seja, os detalhes incorporados no cotidiano dos coveiros, são passíveis de observação

Houveram dificuldades, principalmente relacionadas ao tempo; alguns desencontros de horário evidenciam não apenas as diferenças entre o trabalho de pesquisar e o trabalho de coveiro, mas como a pandemia afetou questões básicas como a percepção das horas. Apesar de observar em qual momento seria menos inoportuno fazer contato, houveram casos em que comecei um diálogo via internet, enquanto um dos coveiros estava em reunião; em outros casos fiz uma pergunta determinada hora do dia, que foi respondida apenas no dia seguinte. O que mais afetou a pesquisa, porém, foram os diferentes níveis de intimidade que os coveiros tinham com as plataformas digitais. Enquanto com o André, conseguia manter uma conversa por horas, falando de diferentes assuntos, relacionados tanto com o trabalho de coveiro, como

com a sua vida pessoal; com Pedro, com quem era fácil manter um diálogo de forma presencial, a facilidade foi substituída por respostas monossilábicas. Essa foi uma das razões que motivou a elaboração de uma série de perguntas para serem feitas a eles, não com a intenção de entrevistar, mas como uma base de conversa sobre assuntos, que em análise, foram pouco explorados.

Não foi possível fazer contato com todos os coveiros; com João, que foi transferido durante a época da pesquisa para outro cemitério, mesmo com dois números de telefone diferentes, não consegui contato. Com os novos coveiros, transferidos para o cemitério nessa mesma época, Simão e Natanael, não consegui seus contatos através de Pedro e André. Com Filipe, que também foi transferido para outro cemitério, durante a pesquisa, consegui manter certo diálogo, porém como foi transferido e o trabalho de campo se desenvolvia apenas no cemitério em questão, o diálogo com ele para fins do trabalho de conclusão de curso, foram menos intensos.

De maneira imprevisível, a pandemia e por consequência, a quarentena, transformaram o trabalho de pesquisa, não para pior, nem para melhor, “apenas” transformou o pensável, o esperado e ainda assim, surpreendente, para o qual vinha me preparando, na nova realidade. É trabalho do pesquisador, testemunhar essas mudanças (BLOCK, 2020) e aprender com elas; a referente pesquisa, busca sintetizar essas novas experiências, antigas problemáticas e recentes trocas, em um trabalho que seja válido, não apenas para o campo acadêmico, mas útil aos trabalhadores da morte, instrutivo aos interessados e respeitoso aos mortos e seus familiares.



## 2. SOBRE O PROCESSO DE MORTE

Antes de nos atentarmos detalhadamente para todos os aspectos e observações contidos neste capítulo, é preciso compreender detalhes introdutórios a cada uma dessas etapas.

Quando apontada a exumação do corpo como um dos aspectos do trabalho diário dos coveiros, busca-se compreender em qual cenário essa situação acontece. Essa atividade se refere a retirada do corpo presente na cova e acontece passados pelo menos cinco anos do sepultamento. Como o cemitério em questão está exaurido, ou seja, apenas em casos especiais faz a abertura de novas covas, em grande maioria as sepulturas são ocupadas, seja por um amigo da família a quem a cova foi emprestada, seja a um parente; o segundo caso é o que mais acontece, segundo as falas dos coveiros e a observação dos sobrenomes das lápides; quando ocorre a liberação da cova para o sepultamento de um amigo da família, colocando assim, o nome do falecido na lápide, pode causar problemas na comunicação entre a família e os amigos, com os coveiros. Essa problemática será mais explorada adiante.

Existem os casos, não raros o que não significa que ocorram diariamente, de corpos que são “esquecidos”, que as famílias não visitam mais, que não acontece a colocação da lápide com o nome do falecido. Nesses casos, por decisão da direção do cemitério, passados o período mínimo de cinco anos, esse corpo pode ser caracterizado como indigente, assim os restos mortais são retirados da cova, sendo realocados para um dos três ossários<sup>14</sup> que existe no cemitério e se localizam nos gavetões, ou pode ser recolhido, colocado em um saco plástico e enterrado mais a baixo no terreno que já ocupava.

Como mencionado anteriormente, os gavetões, também conhecido como cemitério vertical, são estruturas de concreto onde os caixões são sepultados acima da terra. Tem aparência semelhante a um prédio, variando entre seis andares e mais de vinte espaços de sepultamento, de largura. Esses locais, mais afastados da parte central do cemitério, são posicionados mais a baixo na colina; ali, diferente do restante dos túmulos, raramente se veem placas decoradas com as informações do indivíduo sepultado no mesmo, mas é comum ver o nome do falecido em giz ou tinta branca. O cheiro de mofo nesse local é mais intenso, pela altura dos prédios e localização, é mais difícil que seja banhado pelo sol, criando assim um ambiente ideal para a proliferação do mofo. É partindo dessas observações que a análise sobre

---

14 Ossário é um local onde se guardam ossos, nesse caso ele se localiza nos gavetões presentes no cemitério, mas pode acontecer de ser uma sala que funciona justamente como depósito dos ossos.

os gavetões se embasa, bem como nos comentários tecidos pelos interlocutores em campo físico e digital.

Sabe-se que o trabalho dos coveiros vai além de enterrar ou desenterrar corpos. Entre a espera de um sepultamento, a manutenção do cemitério, trabalho de pintura, de cuidados com pesticidas, são parte da rotina dos funcionários. Quando concentramos nossa atenção ao trabalho que os caracteriza, pode-se notar que ele não se desenvolve de sem haver alguma técnica envolvida.

Para fazer a abertura de uma cova, é necessário muitas vezes, retirar uma cobertura de mármore, pedra ou outro material, mantida pela família, assim chega-se a carneira. Essa estrutura de concreto, feita por um profissional, que pode ser o já mencionado Mateus, abriga o caixão que comporta o corpo. Retiradas essas proteções, é possível observar o caixão ou o corpo, dependendo da quantidade de tempo que o corpo está sepultado, não existe mais caixão ou carne, e por vezes nem roupa. Todo esse processo, acontece com a ajuda mútua entre os coveiros, pois as peças são pesadas, existe o esclarecimento e acordo entre eles de quem entrará na cova para retirar os restos mortais e arrumar a cova para o novo corpo. Essas técnicas variam de acordo com o terreno, com o tempo de sepultamento do corpo, se se trata do cemitério vertical entre outros, além de haver o contato direto com a família nesse processo, o que no presente momento de pandemia, pode se apresentar como uma dificuldade.

O processo de morte pode ser bastante doloroso, por vezes inesperado, marcado por surpresa e estranhamento. A morte como enfrentamos atualmente, é caracterizada como um tabu. Não existe conversa inicial sobre o trabalho dos coveiros, que não seja marcada pela palavra “medo”; o estranhamento que se desenrola dessa etapa inexorável da vida, está por vezes intrínseco em diferentes relações em que o tema seja morte. A seguinte seção de análise, busca compreender como se estabeleceu esse tabu e como podemos observá-lo no campo em questão.

## **2.1 O tabu da morte**

Para compreender de forma mais completa as relações estabelecidas em campo, no que consiste o trabalho dos coveiros, como e porque determinados ritos e técnicas são elaborados, é preciso voltar no tempo, para incorporar na análise de campo as etapas de transformação do processo de morte, no atual tabu ocidental.

Vamos retornar a Idade Média, onde essa proposta de tabu ainda não havia se consolidado. Nesse contexto, o moribundo era dono da própria morte, a sentia e assim se comportava da maneira prevista; era ele que previa seu fim e cabia a ele despedir-se. Assim aglomeravam-se no quarto do doente, parentes, amigos, vizinhos, incluindo as crianças, para que testemunhassem a partida. Era parte do processo dirigir a cada um presente, algumas palavras de despedida, conselhos e sentimentos de gratidão. A segunda etapa era de cunho particular do moribundo, acontecia próximo ao fim com o doente ainda vivo; as variações (ARIÈS, 2017) apresentavam uma disputa entre Deus e o Diabo, sobre o direito a alma do falecido, algumas analisavam o peso de suas decisões em vida anotadas em um livro, em outra havia uma prova, onde o indivíduo deveria novamente fazer determinadas escolhas, definindo assim seu destino após a morte.

Era fato que essa elaboração acontecia de forma pública, não havia medo em acompanhar a despedida ou o estigma relacionado a negação da presença da morte na vida das crianças, era conhecido o destino de todos, não havia estranhamento sobre esse outro aspecto da vida. Era dever da igreja se desfazer do corpo, assim, eram enterrados no terreno sagrado ao redor da igreja, não era preciso saber o local em que o mesmo havia sido sepultado, essa necessidade surgiu com a feitura do testamento; deixavam-se seus bens a igreja, aos pobres, essa era mais uma boa ação contabilizada a favor do moribundo na hora da morte. Com essa atividade, se tornou mais comum estabelecer uma pequena placa que lembrasse que ali foi enterrada determinada pessoa.

Essa atividade perpetua até os dias de hoje, no cemitério municipal onde fiz campo, as diferentes placas, lápides, variam os tamanhos, o material, apresentam detalhes em prata, trazem fotos, trechos de rezas, as mais variadas homenagens ao corpo que jaz ali. A manutenção dessas lápides é essencial ao trabalho dos coveiros, por elas se guiam, determinam a possibilidade de sepultamento, seja considerando o nome marcado na mesma, ou a data do último funeral. O abandono dessas placas, leva a um outro tipo de manifestação sobre os direitos daquele corpo; assume-se que sem a colocação da mesma ou a falta de manutenção, caracteriza-se como abandono, assim, passados o tempo mínimo para abertura e dependendo da decisão de seus superiores, é instruído aos coveiros fazerem a retirada dos restos mortais, abrindo um novo espaço para enterro. Esse processo mencionado anteriormente, estabelece o estatuto de indigente ao corpo que chegou ao cemitério com identidade.

Os testamentos significaram uma mudança na relação dos moribundos para com a igreja e suas famílias (ARIÈS, 2017), pois a partir deles, instituía-se à família, lidar com o corpo do falecido, não mais a igreja. Havia-se um dever moral sobre os parentes citados no testamento. Concomitantemente, mas sem significar que tinham o mesmo motivo, as expressões de angústia pela situação desse ente querido, tornaram-se mais exageradas, o choro pela morte mais aberto, os desmaios constantes. O processo de estranhar o familiar (VELHO, [ca. 1974]) começava a transparecer, não havia mais a aceitação da morte do outro, mas a negação do acontecimento (ARIÈS, 2017).

Citando o velório descrito anteriormente<sup>15</sup>, essas expressões de dor e angústia, se fizeram presentes. Os gritos que ouvi em determinado momento, me assombram ainda hoje, o choro aberto, desmaios, foram partes emocionantes do ritual que trouxeram a experiência uma sensação de irrealidade. O estranhamento (VELHO, [ca. 1974]) intrínseco a esse aspecto da vida, transforma reações, que segundo Ariès (2017), são naturais ao luto e mais saudáveis, em receio de falar sobre, em vergonha, em assombro.

Na transformação do processo de negação da morte do outro e na obrigação familiar de lidar com o corpo (ARIÈS, 2017), se concretizou a noção de que o moribundo não tinha necessidade de saber de seu estado, não era preciso exercer a certeza da morte, sobre o tempo restante de vida dessa pessoa, vivia-se a esconder a realidade do moribundo para que este não sofresse e pelo mesmo motivo, o doente exercia o papel de ignorante a sua situação.

Nesse sentido, a institucionalização da morte, trazida por Foucault [ca. 1972], é mais uma análise histórica que corrobora essa afirmação; nesse movimento a mudança do local de morte para o hospital, se tornou motivo e meio para a privação ao moribundo de sua própria morte. Em pesquisa mais contemporânea, Kübler-Ross (2020), entende que essa suspensão do direito de se estabelecer como moribundo, reafirma e perpetua o tabu da morte, trazendo muitas vezes sofrimento aqueles que estão envolvidos.

A partir dos avanços das ciências, além do já iniciado processo de negação da morte do outro, começou-se a expandir ideias de poluição (DOUGLAS, 2017) sobre o corpo morto. O comércio estabelecido dentro dos cemitérios encontrava seu fim, doenças eram relacionadas a proximidade dos cemitérios às cidades, histórias validavam a ideia de pragas sobre regiões lançadas por bruxas, sepultadas no cemitério da localidade, que só teriam fim quando a mesma terminasse de digerir os tecidos que as cobriam, como parte do ritual.

---

15 Primeiro ritual funerário que participei, comentado no primeiro capítulo da presente pesquisa, foi momento decisivo na concretização do trabalho.

O termo poluição, nesse sentido, supera a ideia de sujeira, relacionada pelo poder científico as etapas da putrefação, mas corresponde também a ideia de pureza (DOUGLAS, 2017). Em diversas ocasiões, esse foi um tema tratado em campo; por vezes referia-se a uma explicação científica; André coloca como uma opção mais aceitável a cremação do corpo, uma vez que poupa o solo e possivelmente um lençol freático, dos líquidos da decomposição. Outras histórias referiam-se ao estado do corpo exumado. Pedro, contou certa vez, sobre a mulher ruiva que desenterrada passados cinco anos, não apresentava qualquer indício de decomposição. Houveram outras ocasiões em que corpos exumados tinham esse mesmo aspecto, porém o contexto define a qual poluição o corpo se inclina.

Conta-se o caso do corpo exumado que havia poucos sinais de putrefação, relacionando seu estado a quantidade de remédios que ingeria em vida devido a problemas de saúde. À mulher ruiva, era relacionado a seu estado de putrefação, a um ritual que Pedro viu acontecer próximo ao túmulo da mulher. Nesse sentido, compara-se os níveis de poluição que esses corpos representam, uma vez que um está vinculado a químicos e outro a rituais que, nesse caso, exprimem uma maior possibilidade de poluição do cemitério.

Foi a partir da alongada longevidade da vida, proporcionada pelo avanço da medicina, que a impossibilidade da morte própria começou a se apresentar; juntamente com a vontade de não exercer sobre o moribundo a tristeza sob a insuperável certeza de morte, que o tabu da morte começou a se solidificar no ocidente (ARIÈS, 2017). A morte domiciliar foi substituída pela morte hospitalar, afastando e prolongando a ocasião (KÜBLER-ROSS, 2020). Não há por parte do doente a despedida ou a preparação para o momento de partida, esse é afogado pelos deveres sociais de um bom moribundo de se deixar ser testado, ser entubado e ressuscitado (ARIÈS, 2017).

As dores relacionadas ao luto, são sofridas em silêncio pelos familiares e amigos, são assim como a vontade do moribundo, enterradas pelo dever social de não sofrer (ARIÈS, 2017). Mais uma vez se retoma a experiência, ao externalizar a dor da perda em lágrimas, no primeiro enterro já mencionado, acompanhado a toda mescla de sentimentos, a vergonha de apresentar esse sentimento que deve ser mantido intimamente para não gerar mais sofrimento. Para os coveiros, essa agitação é mais um dia, não hesitaram em perguntar quem enterravam, como era próxima de mim. Não havia constrangimento no que lhe é familiar (VELHO, [ca. 1974]), enquanto para mim estava finalmente tornando familiar, o que pelas condições sociais ocidentais já exploradas, tinha se tornado exótico (DAMATTA, 1978).

A experiência do luto, é barrada pela possibilidade de dor, no ocidente em que existe a obrigação de ser feliz (ARIÈS, 2017). Mesmo quando o moribundo sabe da sua situação, o momento da morte não existe realmente, uma vez que se prolonga esse estado, a família cansa-se da situação, se morre sozinho (KÜBLER-ROSS, 2020). Existe o estranhamento do familiar (VELHO, [ca. 1974]) desde a infância, o processo de morte que antes era acompanhado por todos os membros da família, agora são escondidos das crianças, contando uma história anedótica sobre o desaparecimento de um familiar. Mais uma vez recorremos a história já apresentada. Com 23 anos de idade, o funeral da minha tia foi o primeiro que acompanhei. Sabia que determinado sumiço poderia de tratar de morte, diferente das crianças, mas observar o ritual, ser parte do tabu, era uma experiência nova. Essa realidade atravessa diferentes cenários, diferentes idades; o relato do papiloscopista do IML é mais um exemplo (MEDEIROS, 2016); a primeira vez que viu um corpo, foi quando iniciou o trabalho no Instituto, e mesmo agora, tem dificuldade em olhar para os corpos, observa as mãos, pois é o que lhe interessa.

Apesar de ser parte do cotidiano a rotina de morte para os trabalhadores do cemitério, existem exceções que afetam os coveiros. Quando se trata do enterro de crianças Pedro e João concordam que existe mais afetação, que por ter filhos, Pedro sente mais a dor do luto ou quem sabe, o choque em ter que aceitar a fim da vida do outro (ARIÈS, 2017). Porém não são apenas os momentos de demonstração de luto que comovem os coveiros, o estado de corpo exumado pode representar uma lembrança jamais esquecida.

Passou-se o tempo em que expor ossos humanos fazia parte do costume (ARIÈS, 2017), permaneceu, porém, a ideia de que ossos são significativamente menos assustadores que os restos mortais em putrefação, é possível acompanhar essa problemáticas pelos apontamentos dos coveiros. Para o André, o momento que ficará gravado em sua memória, é o corpo exumado que mesmo passados cinco anos, por conta do tipo de caixão utilizado, não havia dispersado os líquidos da decomposição para o solo. O cheiro é o principal sentido apontado como causa do desagrado, o cheiro pungente o fez tomar banho com álcool e jogar as luvas de serviço, fora.

Pelos relatos apresentados, é possível compreender que quando uma cova é aberta, passados cinco anos, e o que antes era um corpo, agora são ossos, secos com cheiro de mofo e terra, eles não fazem história entre os coveiros, isto é parte da conduta do “bom morto”, fazendo referência ao bom moribundo de Kübler-Ross (2020), que o corpo se desintegre, que

apenas nesse momento os coveiros tenham que lidar diretamente com um corpo que não traz características de ser o tal. Apesar de lidar diariamente com o tabu da morte, referente a com o luto, os coveiros não lidam com “corpos”, eles lidam com caixões fechados e com corpos transmutados em ossos em sua grande maioria. Quando o esperado não é alcançado, quando acontece do corpo não estar decomposto, ideias sobre a poluição do mesmo, são expressadas. Ao corpo que não se desintegra, que não perde sua identidade (DOUGLAS, 2017), cabem as especulações de porquê fugir à regra, porque pôr em risco com a sua “sujeira” um sistema que funciona.

“O cheiro ficou grudado” ao corpo e as luvas do André, o afetou, remeteu a ideia de sujeira, de poluição (DOUGLAS, 2017). É necessário lidar apenas com as mãos<sup>16</sup>, é preciso lidar apenas com os ossos, ou enterrar e esperar. Se “Os mortos são representantes da desordem nessa classificação sistemática, e o IML é o lugar onde os mortos são manipulados e as técnicas sobre estes são exercidas” (MEDEIROS, 2014, p. 81.), os corpos não completamente decompostos, são os que fogem da regra, assim os que comovem; mas diferente do IML, não existem técnicas para lidar com os mesmos, mas para não lidar. Quando uma sepultura é aberta e um desses casos se faz presente, não é possível fazer a retirada do corpo para abrir espaço para o outro, assim, o cadáver é novamente enterrado, e o novo corpo, deve procurar outro lugar.

Existe ainda, a preocupação por parte dos coveiros, sobre as pessoas que morreram por doenças como câncer ou AIDS. Pedro e João, em conversa com o André, trouxeram suas dúvidas quanto a possibilidade de se contaminar por um corpo com câncer, afirmando mais de uma vez que não era estudado e por isso não sabia dizer, me perguntou se havia risco em desenvolver câncer caso, por acaso viesse a se machucar e entrar em contato com um corpo morto por câncer. Expliquei que pelo meu conhecimento, não era possível, o André embarcou na explicação e elucidou mais a questão aos dois que se mostravam preocupados. João perguntou se AIDS seria possível. No momento, não soube o que dizer, pois pelo o que sei não seria possível, porém não sou médica, mas o André interveio, confirmando que seria sim possível e que por isso era importante usar luvas.

Em época de pandemia, as vítimas e a possível contaminação pelos seus corpos, são tema de especulações. Devido ao coronavírus, não estão sendo realizados serviços de atendimento aos corpos como autópsia ou preparo para velório, uma vez que a cerimônia não

---

16 Como o caso do papiloscopista citado no artigo de Flavia Medeiros, 2014, citado anteriormente.

está sendo recomendada para as vítimas do vírus. Saem do hospital envoltos em sacos plásticos, e assim são depositados no caixão, que por sua vez é lacrado para assim ser sepultado, segundo a cartilha do Ministério da Saúde. É possível acompanhar ainda, as determinações em relação aos corpos indigentes vítimas dos vírus e o que as mesmas significam em um contexto maior, relacionados aos desaparecidos, no artigo de Garrido e Almeida (2020), que também exemplifica as afirmações feitas acima.

No cemitério em questão, houveram em torno de dois casos de vítimas do coronavírus. Um dos sepultamentos ocorreu de forma breve, sem grandes acontecimentos, poucos membros da família, como recomendado, caixão fechado. Porém um segundo caso, a família que tinha um mausoléu, insistiu em permanecer próximo aos coveiros enquanto eles abriam a cova. O caixão como apontou o André estava lacrado e não representava um perigo de contaminação, mas os familiares próximos, dentro do mausóleo fugiam das recomendações.

## **2.2. Trabalho e técnicas**

É trabalho dos coveiros lidar com assuntos relacionados ao funcionamento do cemitério, seja esse assunto pintar o muro ou dedetizar com veneno a parte de trás do cemitério, lidar com vestígios de rituais que aconteceram a noite ou expulsar ameaças aos visitantes, seja abrir ou fechar covas, enterrar ou exumar corpos.

Pode-se compreender que o trabalho de abertura de covas para um novo sepultamento acontece, caso haja um corpo enterrado no mesmo, passados pelo menos cinco anos do enterro. Essa determinação está garantida pelo regulamento BRASIL. Decreto nº 30.570, de 14 de outubro de 1986; nela os maiores de 12 anos tem um período obrigatório de cinco anos de sepultamento, para crianças menores que essa idade, o prazo é estabelecido em três anos. Existe a possibilidade de uma morte acontecer antes desse período ou da família não saber sobre a determinação, assim é obrigação dos coveiros avisar à família, que não será possível realizar o enterro. Existem ainda casos de covas que foram abertas passados mais de cinco anos, em que o corpo não se encontrava completamente decomposto, tornando impossível a retirada e reorganização dos restos mortais para a colocação de um novo corpo. Nesses casos, é também trabalho do coveiro avisar à família que a situação excepcional exige que o sepultamento ocorra em outro terreno ou outro cemitério.

Apesar do serviço exigir uma série de esforços e técnicas principalmente relacionadas a manutenção do cemitério, é especificamente o sepultamento e abertura de covas que define o trabalho dos coveiros. Essa técnica se desenvolve em conjunto, em média dois ou três coveiros fazem a abertura, preparam o espaço e descem o caixão. Quando perguntados o que pensam sobre os corpos, a resposta que emerge é de que “são pessoas, era alguém que morreu e agora não está mais vivo”, porém essa afirmação encontra dificuldade em se manter uma vez que durante todo o trabalho de campo, fica evidente a ideia de objeto. Para compreender esse fato, é preciso lembrar que o coveiro não lida diretamente com o corpo, ele lida com o caixão. Diferente de um agente funerário que prepara o corpo, o coveiro recebe o caixão fechado. Não existe um contato direto e por vezes não se sabe quem está sendo enterrado no momento do sepultamento. Para André é melhor não saber detalhes sobre quem está enterrando. Essa noção então de objeto<sup>17</sup>, não se aplica diretamente ao corpo, uma vez que não é ele que é enterrado, mas ao caixão que guarda um corpo.

Antes de fazer o sepultamento, porém, é necessário fazer a abertura da cova. Quando a mesma está vazia, o trabalho consiste em retirar a cobertura de fora, que muitas vezes significa a lápide e uma placa de mármore ou outro material. Como esses materiais são geralmente pesados, dois coveiros fazem a retirada da placa, que é colocada ao lado da cova. Logo a baixo dessa proteção mais decorativa, fica a carneira<sup>18</sup>.

---

17 A citada noção de objeto, se refere ao conceito de Alfred Gell, 1998, onde questiona se determinados objetos de arte tem agência, ou seja, se afetam o telespectador. Relacionando o conceito com os corpos, é possível questionar se os corpos sem vida, sem movimento, sem agência, de fato expressam essa característica, uma vez que afetam seus familiares e por vezes os coveiros. Como aponto no trecho porém, os coveiros afirmam que os mortos são pessoas e no momento de sepultamento, eles lidam com os caixões, não com os corpos, portanto a partir desse momento em específico, não é possível trazer o questionamento, pois não se referem aos corpos, mas aos caixões.

18 Estrutura feita de concreto; como uma caixa retangular, é feita por fora, ou seja, não é responsabilidade do cemitério fornecer a carneira, que é obrigatório ter.



*Figura 5*

Essa estrutura de concreto vai guardar o caixão e o conseqüentemente o corpo. Depois de retirada a tampa da carneira, colocada também do lado de fora da cova, com a ajuda de mais de um coveiro, por ser bastante pesada; um dos coveiros então desce no buraco. Essa decisão é tomada em conjunto, na última visita física ao cemitério, Pedro disse que nos últimos enterros tinha sido ele a descer no buraco, enquanto os outros ajudavam do lado de fora, que estava na hora de trocar quem descia no buraco e quem ajudava do lado de fora.

Segundo um dos coveiros, nem sempre houve a necessidade de carneiras que guardassem o corpo, assim os caixões eram enterrados diretamente na terra. Os corpos mais antigos do cemitério, localizados na parte central do mesmo, se encaixam nesses casos.

Apesar de haver certa hierarquia entre os coveiros, os mais velhos sabem mais sobre o cemitério, a localização das zonas, determinadas necessidades, portanto são os que geralmente respondem as perguntas dos familiares, que sabem quais os documentos necessários e em época de pandemia, o tempo máximo de velório; mas não significa que essas

responsabilidades afetem o salário ou a relação com os colegas mais novos. Como são os mais velhos que conhecem melhor o espaço, suas observações são escutadas, mas eles não podem exatamente exigir que um colega faça determinado serviço. Segundo o Pedro, essa hierarquia representa mais responsabilidades e menos “folgas”, ou seja, os mais velhos podem liberar sendo o caso, os mais novos para saírem mais cedo, sem que isso chegue ao chefe causando assim problemas para quem saiu, mas caso ele faça a mesma coisa, essa regra não se aplica. Ele pode conversar e puxar para trabalhar um colega que não esteja fazendo sua parte, que fica a cargo dos outros coveiros cumprir, mas não pode exigir que o faça pois tecnicamente, exerce o mesmo cargo, isto é, não há uma hierarquia formal, e a antiguidade não é necessariamente atributo, apesar de expressar alguma prevalência

Assim, se estabelece entre eles, quem irá entrar no buraco para retirar os restos mortais presentes, reorganizando em uma pilha que será colocada próximo ao caixão. Nesse processo são retirados, em caso de total decomposição do caixão e tecidos moles<sup>19</sup>, os ossos maiores encontrados, e caso tenha, como foi o que ocorreu no meu primeiro enterro que foi motivo de aposta e admiração por parte dos coveiros, as roupas com a qual a pessoa foi enterrada.

Não sei dizer se isso se aplica a todos as ocasiões, porém no caso acompanhado, foi perguntado por eles, se queríamos ajeitar a cova, ou seja, juntar os restos mortais, retirá-los da cova, como é padrão, mas arrumar o fundo para que fique plano, sendo colocada brita no mesmo. Depois desse processo, é baixado o caixão lacrado, a tampa da carneira, que geralmente se divide em duas partes, é recolocada, assim como a tampa de fora e a lápide. Cabe a família colocar o nome do novo membro na lápide, caso isso não aconteça pode ocorrer a categorização do morto como indigente, mencionado anteriormente.

Nesse momento de abertura de cova, é o único momento em que os coveiros têm contato direto com o corpo morto, que devido a quantidade de tempo, se torna ossada. Essa transformação descaracteriza o morto de sua identidade, e assim é menos perigoso (DOUGLAS, 2017); acaba por expressar nesse detalhe, o tabu da morte ocidental que se abate também aos trabalhadores da morte. Aos casos em que a total decomposição não acontece, existe o estranhamento (VELHO, [ca. 1974]) do processo de morte, assim se compreende por eles que alguma coisa, algum ritual ou ação em vida, justifica a falta de decomposição. Nesses casos o trabalho conjunto dos coveiros, novamente é afetado, pois não são todos que

---

19 Tecidos moles são os órgãos, sangue, pele; o que não se classifica como osso.

conseguem lidar com a poluição (DOUGLAS, 2017) que o corpo representa. Os cheiros, os líquidos, são sujeiras, são o extraordinário no cotidiano dos coveiros, que gera afetações.

Em um dos casos de exumação, o corpo se encontrava completamente submerso nos líquidos de putrefação dentro do caixão, que segundo André, era vindo de outro estado então este tinha vedações especiais que impediam as substâncias de infiltrarem a terra. Para ele esse é um caso que jamais será esquecido, para o Filipe, significou a impossibilidade de fazer seu trabalho, pois principalmente o cheiro, segundo ele mesmo, o impediu de ajudar no trabalho com os colegas.

O trabalho é realizado com a ajuda de pás, inchadas, ferramentas variadas que são utilizadas não apenas no processo de exumação ou sepultamento, mas na própria manutenção do cemitério. Existem vassouras, pincéis, sacos e carrinhos de mão guardados na maior sala do prédio destinado aos coveiros para que o trabalho deles seja possível. Em relação a proteção pessoal, os coveiros recebem uniformes da empresa terceirizada que os contratam. O uniforme consiste numa blusa cinza ou azul escuro, calças também nessas cores, e botas de borracha. São disponibilizadas luvas de material forte, geralmente usadas para serviços braçais, mas que em poucas ocasiões os vi utilizando.

Em época de pandemia, outros tipos de artigo de proteção são teoricamente disponibilizados, como máscaras e álcool em gel, porém essa determinação nem sempre ocorre, assim os coveiros acabam comprando de forma particular álcool e outros objetos necessários, como papel higiênico. Em mais de um caso, os vi usando boné ou chapéu, que difere do uniforme, mas que se mostra necessário uma vez que grande parte do trabalho se desenvolve a céu aberto, nos dias de sol, no verão, as lápides e sepulturas de mármore refletem o calor de forma avassaladora.

### **2.3. Gavetões**

Na lateral direita do cemitério e aos fundos do mesmo, se localizam os gavetões; os cemitérios verticais, como são conhecidos, são grandes estruturas de concreto que chegam a sete gavetas de altura, podendo ter mais de doze espaços de largura. Esses prédios são umas das partes mais novas do cemitério, antes de serem distribuídos dessa forma pelo terreno, as laterais à direita apresentavam um espaço que fazia divisa com do cemitério com o terreno vizinho. Nos fundos, o local era dominado por vegetação rasteira, com uma escada e entrada

para a rua de trás do cemitério. Atualmente a escada continua lá, existe ainda um espaço com um pouco de vegetação, mas o que domina o cenário são os gavetões.

Nessa parte final do cemitério, onde a colina começa a descer ao nível da rua, os gavetões se encontram quase escondidos do restante do cemitério. Estando a um nível mais baixo dos túmulos de chão e mais próximos ao nível do mar, tem-se acesso ao local por uma rampa íngreme. É possível ver o topo das estruturas da localização das últimas sepulturas de chão do cemitério.



*Figura 6*

Onde se estende o muro branco a direita, é delimitado o fim da casa vizinha; se observarmos atentamente, é possível ver o portão de acesso ao cemitério da casa vizinha. As casas são bastante próximas, uma das construções utiliza a parede lateral dos gavetões como parede estrutural do telhado. Apesar de serem adjacentes ao cemitério, as casas não apresentam janelas viradas para o mesmo, apenas um pequeno basculante faz vista as lápides.

Mais ao fundo, se observam os topos dos gavetões, as estruturas variam de largura e altura, estabelecidas paralelamente uma a outra, formam um corredor principal onde desce a rampa íngreme. Diferente do restante do cemitério que tem o chão de paralelepípedos, ali o chão é de areia e cascalho; os cheiros também se diferem, entre o cheiro constante de mofo devido ao pouco sol a área recebe, é possível perceber um eventual cheiro de maresia.



*Figura 7*

As estruturas formam vias de largura média, é possível passar mais de três pessoas lado a lado sem se tocar, mesmo que sejam estabelecidas de forma não completamente reta. Assim como os túmulos, são dispostos em ângulos diferentes, como se tratam de prédios, porém, seguem em linhas retas, quando comparados aos outros edifícios se mostram em diagonal. Assim como é banhada por pouco sol devido à altura dos prédios, os gavetões não liberam muitos sons, isto é, abafam os sons de fora, como os barulhos dos vizinhos, de cachorro, de pássaros e amplifica os de dentro. Os barulhos das pegadas no chão, na areia, são

mais fortes que os barulho do mar, esse é um dos motivos para a recomendação dos coveiros de não ir até lá sozinha.

O cemitério em questão não é conhecido pela ocorrência de assaltos, por exemplo, mas é bastante extenso e não tem guardas ou agentes que assegurem o local. Os coveiros são responsáveis pela segurança do mesmo quando estão em horário de trabalho, isso não significa que façam rondas ou finalizem rituais com o sacrifício de animais, por exemplo, situação que os incomoda por terem de lidar com os restos das galinhas ou outros animais mais tarde, pois como o próprio Pedro disse, nesse espaço cada um tem o direito de realizar seus rituais fúnebres da forma que desejar. Mas significa que em casos como o mencionado, do homem que estava exibindo suas partes íntimas e assediando as visitantes e a moça da limpeza, são à eles que essas mulheres recorrem, eles então expulsam o indivíduo do cemitério.

A recomendação era não descer até lá sozinha pois por ser muito afastado, como o João coloca, não poderiam me ouvir chamar caso acontecesse alguma coisa. O caso explicitado ilustra o que poderia ter acontecido. Segui a recomendação e apenas algumas vezes e acompanhada, fui aos gavetões dos fundos, nunca cheguei a me aproximar dos laterais.

Se as lápides trabalhadas em esculturas, em poemas e lembranças representem a vida social desses corpos no cemitério, como se relacionam depois da morte com os familiares que deixam em vida, a agitação dessas representações cabe aos túmulos mais acima da colina. Nos gavetões, poucas palavras demarcam o lugar de último descanso, escrito em giz ou tinta, raramente trazem fotos, flores. O som, o sol, o vento é escasso ali em baixo, sobram o cheiro de mofo e as ideias sobre poluição (DOUGLAS, 2017). Os túmulos próximos as gavetas apresentam um solo diferente, segundo o André, a terra é mais molhada. Ele não deixa claro, porém dá a entender que essa umidade provém dos líquidos de putrefação vindos dos prédios.

Os corpos não encaram o mar, com exceção do primeiro prédio, todos são virados para dentro do cemitério. Aos laterais, fica obrigado a visão ser para dentro do mesmo, caso fosse o contrário, ficaria fora dos limites do cemitério, e se fosse virado para o mar, significaria mais prédios de dois lugares no máximo de largura. Com a transformação do morrer no final da Idade Média, com a manifestação da generosidade do moribundo em forma de placa no seu último lugar de descanso e obrigação familiar de lidar com o corpo e sofrer pela morte do ente querido (ARIÈS, 2017), houve a necessidade de um lugar único e específico para o

sepultamento dos mortos. Iniciaram-se as ideias de mausoléu, os túmulos elaborados. Como compreender a mudança que levou aos gavetões? Os locais ainda são separados, destinados a um único corpo quando este é reclamado e lembrado por seus familiares e amigos.

Nos gavetões se localizam os ossários do cemitério. Quando a manutenção de um túmulo ou a colocação da placa com o nome do falecido não acontece, seguindo a determinação dos cinco anos de enterramento e por decisão da direção do cemitério, os corpos ali sepultados são exumados, assim são recolhidos seus restos mortais, que nesse caso significam os ossos restantes, e colocados em uma das gavetas junto com outros corpos que encontraram o mesmo fim.

As gavetas são divididas também por tipo cadáveres como recém-nascidos; por André, sabemos que parte das famílias procura nem saber onde o corpo da criança foi sepultado, em outros casos os coveiros avisam que o corpo será sepultado com outros, que “se for acender uma vela pra um, acende pra todos”. Pelo tamanho dos túmulos, concentrados principalmente na lateral a esquerda, uma das partes mais novas do cemitério, se observam lápides de crianças, não são muitas e menos ainda, são as de recém-nascidos.

Além de abrigar corpos indigentes, cadáveres de recém-nascidos, os gavetões dão a possibilidade de famílias sem condições monetárias, de sepultar seus familiares mortos, neste cemitério, pois estes espaços são cedidos pela Prefeitura. Atualmente, assim como é o caso das covas, não existem mais espaços nas gavetas para novos sepultamentos, segundo Pedro.

## **2.4. Exumações**

O processo de sepultamento, depende principalmente e na maioria das vezes, da exumação. Como apresentado anteriormente, o cemitério em questão está exaurido, apenas em casos específicos faz a abertura de uma nova cova no chão, assim os corpos que chegam no cemitério são enterrados muitas vezes com familiares ou amigos presentes ali a mais de cinco anos.

Para que seja feito então o sepultamento desse novo corpo, acontece a abertura da cova, como apontado acima. Devido ao tempo significa na maioria das vezes, que os restos mortais são ossos, que são reorganizados, juntos com os pertences pessoais se ainda for o caso, para abrir espaço para o caixão. Assim a exumação não consiste ou acontece por

motivos processuais ou policiais, nesse contexto ela acontece de forma ritualista para receber o novo sepultamento.

Vamos retomar a ideia de corpo e objeto partindo das observações feitas em campo sobre relação dos coveiros com os cadáveres. Em mais de uma ocasião a mesma resposta se aplicou a essa questão, “São pessoas!”, porém acompanhando-os no trabalho, é possível ver que o estatuto de objeto é aplicado constantemente aos corpos. Essa problemática é melhor explanada quando se compreende que primeiro, o trabalho dos coveiros não se limita a isso, apesar de ser a definição da profissão; e segundo, quando um corpo chega, dotado de toda sua identidade (DOUGLAS, 2017) para ser sepultado, ele se encontra dentro do caixão, assim essa categoria de objeto, não se aplicaria especificamente ao corpo, mas ao caixão que o envolve.

São nas exumações que o estatuto de corpo mais uma vez é observado. Nesse momento, quando é necessária a retirada do cadáver da cova, mas este ainda não se decompôs completamente, fazendo aqui uma breve menção a ideia de boa morte e de aceitá-la, desfazendo-se assim de vontades, para não causar sofrimento (KÜBLER-ROSS, 2020) (ARIÈS, 2017); quando o cadáver não assumiu sua personificação em osso, abolindo sua identidade (DOUGLAS, 2017) e assim tornando-se menos poluidor, o tabu da morte entra em choque com as expectativas dos coveiros, pois assim é necessário aceitar a morte do outro, assumindo sua própria mortalidade (ARIÈS, 2017).

É no estranhamento (VELHO, [ca. 1974]) construído sobre a certeza da morte, na constante privação do contato com os moribundos, com os mortos e com o luto, que se estabelece o tabu da morte (ARIÈS, 2017); que provoca a partir disso, o exótico (DAMATTA, 1978). No choque pelo não esperado, ou seja, pelo corpo não decomposto em ossada, que o exótico é forçosamente interpretado como familiar.

O que não é esperado os afeta, às vezes os impede e trabalhar, como aconteceu com Filipe, outras provoca reações como um banho de álcool, como com André. Em época de pandemia, essa situação com o álcool se apresenta como rotina. Na última visita ao campo físico, observei que nenhum dos coveiros usavam máscaras, justificado por estarem em contato cotidianamente um com o outro, sabem que nenhum deles está doente ou com sintomas da doença, se veem todos os dias e estão acostumados com suas presenças. Em conversa posterior, porém, fica claro o cuidado com o que tocam, Pedro afirma que lava as mãos constantemente, sempre utilizando álcool para as mãos e braços.

As exumações acontecem ainda com os corpos que perdem seu estatuto de identificados, que por não terem uma lápide ou onde a falta de manutenção apaga o nome, são ressignificados na categoria de indigente. Nesses casos, por decisão dos superiores, as covas são abertas, os restos mortais retirados e colocados em um dos ossários presente nos gavetões do cemitério. Em outras ocasiões, os ossos são retirados colocados em um saco plástico. Na mesma cova abre-se um buraco mais em baixo onde o mesmo estava sepultado, coloca-se então o saco nessa abertura, onde é novamente enterrado. O espaço antes ocupado totalmente por esse corpo agora indigente, é cedido à um outro cadáver. Essa atividade não ocorre como rotina, quando isso acontece, se refere a casos específicos partindo de uma decisão que não depende dos coveiros.

São nesses contextos que podem ocorrer as exumações, não foi tema de debate ou comentários, qualquer caso que a exumação tenha acontecido por decisão judicial. As ocasiões que levam ao ato em questão, estão relacionados a abertura de cova para sepultamento ou retirada de corpo indigente. Nesse momento único, os coveiros entram em contato direto com os corpos. Quando se encontram como os esperados ossos, são interpretados como objetos, pois estão longe de apresentar as características identitárias (DOUGLAS, 2017); quando não estão decompostas, chocam a ideia de exótico estabelecida (DAMATTA, 1978) desenvolvendo assim uma familiarização com o estranho ao reconhecer a morte do outro (ARIÈS, 2017).

### 3. O QUE APRENDI COM OS COVEIROS

Os coveiros foram ao longo desse trabalho interlocutores e como tais, foram porta de entrada para compreensão ao tabu da morte, foram tradutores dos termos utilizados nesse contexto, conselheiros e contadores de história. Transmitiram além dos conhecimentos sobre o trabalho, suas trajetórias de carreira e vida.

Nesse sentido, as elaborações seguintes buscam apresentar os coveiros, mostrando como começaram nesse trabalho e quem são além desse aspecto de suas identidades. Exemplificam questões relacionadas a administração do cemitério, quais documentos são necessários na hora do sepultamento, por exemplo, além de explorar uma ideia de mercado que se constitui a partir da morte.

Durante a trajetória do curso de antropologia, nós estudantes, acabamos por tornar habitual o dialeto antropológico. Essa foi uma das primeiras dificuldades na aproximação com o campo; confabulei perguntas em relação a conceitos familiares a mim e completamente exóticos a eles. Esse foi o primeiro de muitos aprendizados; assim como eles não estavam familiarizados com a minha linguagem, eu também não conhecia os termos empregados ao trabalho dentro do cemitério e como eles se relacionavam entre os outros funcionários, com os familiares, com os visitantes. No primeiro momento, o choque dessa observação me deixou sem palavras e nesse processo aprendi que escutar é tão significativo quanto falar, eu não soube perguntar, mas os coveiros souberam responder em seus termos e no desenvolvimento dessa laboração, nos entendemos.

Compreender em que sentido é interpretado o trabalho dos coveiros por parte dos interlocutores, bem como o papel que o corpo representa, foi o principal interesse dessa pesquisa. Há o esforço de apresentar o cargo como algo mais que sua característica definidora, portanto as responsabilidades diárias de limpeza, controle e manutenção do cemitério são pautas constantes nas discussões, são observadas e apontadas por eles a fim de construir a ideia de um serviço que não se limita a enterros e exumações. Nessa concepção é possível abarcar dentro de uma esfera de normalidade essa labuta que lida cotidianamente com o tabu da morte, entendendo assim esse serviço como “um trabalho como outro qualquer”<sup>20</sup>, portanto, apresentar a história desses homens, como vieram a se tornar coveiros, é parte fundamental para compreensão de contexto. Observar como a história pessoal desses

---

20 Essa é uma das primeiras frases do Coveiro Pedro Em campo quando perguntado sobre seu trabalho em relação ao corpo morto e título do trabalho.

homens se relaciona com seu atual trabalho contribuí não apenas na profundidade da pesquisa, mas na compreensão de suas relações sobre os mortos e seus familiares, bem como suas relações entre os colegas e a conformidade com o próprio trabalho.

### **3.1. “Um trabalho como outro qualquer”**

Pedro tem em média 38 anos, uma esposa, um filho em idade escolar e um bebê que nasceu ao fim do trabalho de campo. É negro e como disse uma vez, não “é estudado”, isto é não terminou o ensino médio, em sua profissão, entretanto, é quem tem mais conhecimento adquirido pelo treino que os coveiros ensinam uns aos outros e no desenvolvimento do cotidiano. Na primeira visita em campo, quando o trabalho de conclusão de curso era apenas uma vontade, foi ele quem se prontificou a responder algumas das minhas perguntas, era quem esperava encontrar no cemitério, pois sempre muito solícito, respondia os questionamentos, contava histórias, estimulava os outros a se comunicarem, fazia perguntas e constantemente afirmava “se você tiver uma dúvida pode perguntar!”.

É dele a frase título do trabalho e deste capítulo. Na primeira visita comentada acima, perguntei como era o trabalho de coveiro, ele me respondeu com detalhes, tirando logo no início o estereótipo de coveiro como apenas enterrador de cadáveres. Apresentou suas responsabilidades diárias, a limpeza e manutenção do cemitério; explicou que assim como qualquer trabalho, tinha que fazer uma série de tarefas que superam aquela pela qual são conhecidos.

João tem também aproximadamente essa idade, é alto, forte e com sorriso fácil. Tem sotaque tipicamente manézinho<sup>21</sup>, esposa e filhos; assim como Pedro é um dos mais antigos funcionários. É menos falante que Pedro, mas quando estimulado por este, embarcava em histórias, em piadas internas que ria-se antes de me contar o contexto. Quando chegava em campo e iniciava uma conversa com Pedro, não demorava muito a se aproximar, então escutava com atenção sobre o que falávamos antes de dar qualquer palpite. Em raras ocasiões discordava do Pedro e quando o fazia era em tom quase condescendente, mais aconselhando o colega sobre o que fazer sobre determinada situação do que discordando.

Filipe era cozinheiro antes de ser coveiro. Entre todos, era o que menos falava em campo, o que me estimulou a formular perguntas de assuntos que ficaram pouco claros na

---

21 Sotaque “mané” se refere ao sotaque das pessoas que nasceram e viveram na região de Florianópolis ou Grande Florianópolis.

visita anterior, por exemplo, para fomentar a conversa. Essas perguntas não eram anotadas em folha, como uma entrevista, apenas guardadas na memória para momentos em que a comunicação não fluía.

Era primeiro de fevereiro quando eu e Filipe tivemos a conversa mais longa em campo físico, tentei fazer algumas perguntas, que ele respondeu de forma simpática mas sucinta, percebi que quando ficava em silêncio após fazer a pergunta, o cativava mais a contar. Assim comentei sobre os vizinhos próximos, e ele disse que não conseguiria viver assim, aguardei uma explicação que não veio. Perguntei então como foi no início e como todos, disse que era mais difícil, mas que tinha se acostumado, se tornou “um trabalho como outro qualquer”. Embora tenha me dito isto, logo explica sobre um corpo que foram exumar, mas que não estava completamente decomposto, que os líquidos não tinham conseguido se infiltrar na terra por conta do caixão, nessa situação não consegui fazer o trabalho, ficou “ruim” por causa do cheiro. Questiono se por acaso o corpo não tivesse cheiro, se seria tão impactante, ele não soube como responder.

André é o mais jovem entre os coveiros de toda região da Grande Florianópolis, mais novo que eu inclusive, tem apenas 20 anos quando comecei o trabalho de campo. É branco do Paraná, mora com a mãe, o padrasto e tem uma irmã de aproximadamente dezoito anos. É o mais empolgado em dividir os acontecimentos do cotidiano, estava sempre disposto a conversar e até mesmo conferir algum aspecto do cemitério em que tinha dúvidas sobre o que poderia ser. No campo virtual, era o que mais prontamente respondia meus questionamentos, conversávamos sobre seu trabalho, situação familiar e interesses. Ao fim da pesquisa de campo, disse que os coveiros do cemitério em questão seriam demitidos, não sabia dizer quem, mas que aconteceria pois havia acabado o contrato da empresa terceirizada que os contrata e a mesma não havia feito a renovação. Pouco tempo depois soube que ele foi o único demitido, Filipe e João foram transferidos, mas que Pedro estava insistindo com seus chefes para trazê-lo de volta.

Simão é gaúcho, o sotaque é bem forte e o orgulho da origem também, é falante, desinibido. Na última visita em campo físico, quando o conheci, me mostrou parte de um vídeo de exumação feito por eles e se mostrava muito animado com o acontecimento.

Natanael é quieto, mas simpático, o conheci no mesmo dia que conheci Simão, Pedro me apresentou, disse que eu estava fazendo trabalho com eles. Mais tarde ele me perguntou sobre o que e se era para universidade. Me acompanhou pelo cemitério quando perguntei se

eu poderia acompanhá-lo, se esforçou em me por a par das piadas internas e em responder qualquer dúvida. Depois disso não tive mais contato tanto com Natanael ou com Simão.

Cada coveiro tem sua história particular, seu modo de lidar com o trabalho e com os colegas. As histórias de como começaram neste serviço também se diferem; André precisava de um trabalho, já que estava fazendo apenas “bicos”. Por um conhecido que trabalhava na empresa terceirizada, soube da vaga da qual gostava. Tinha certo orgulho de dizer qual era sua profissão aos outros, principalmente os mais novos, de sua idade, pois não julgavam como uma última opção.

“Tem medo de morto?” foi o que o amigo de Pedro perguntou para ele, respondendo em negativo seu amigo então perguntou que se abrisse uma vaga de coveiro, ele se interessaria, o que respondeu em positivo. Assim começou no cargo que exerce até hoje.

João deixou seu currículo nessa empresa, que também contrata serventes para limpeza em geral, cargo oferecido a ele, mas o qual negou preferindo ser coveiro. Natanael era funcionário de outro cemitério, quando foi transferido para o referido campo, assim como Simão.

Como visto, Filipe se encontrava em impasses quando precisava lidar com um corpo não completamente decomposto; em conversa me disse que já trabalhou em hospital e que um amigo certa vez o deixou acompanhar uma autópsia no IML, mas que teve que sair da sala quando começou a retirada dos órgãos. Mesmo assim busca manter o ritmo, e se baseia em João para seguir com a prática e rapidez no emprego de suas atividades. Pedro coloca dentro da esfera de normalidade, o trabalho de coveiro, apresentando outros aspectos da ocupação que não envolvem diretamente o manejo de corpos e se assemelham a outras atividades.

André e Simão tem certo orgulho da diferença e impacto que seu trabalho traz aqueles que estão fora desse contexto, trazem detalhes sobre os acontecimentos e pontos de vista. André assim que o conheci, apresentou diferentes argumentos do porquê era melhor cremar um corpo do que enterrá-lo, mais tarde dividiu conhecimento sobre diferentes formas de enterro, como plantar uma árvore junto com o corpo para que esta cresça em seu lugar, por exemplo. Ou seja, ambos não buscavam normalizar as peculiaridades do serviço, mas as assimilavam como seu diferenciador.

Esse aspecto se transformou junto com as dificuldades da pandemia. Quando perguntava a André como estava a situação do cemitério diante a essa nova realidade e as notícias que exibiam os problemas dos cemitérios de regiões brasileiras, em que o sistema de

saúde e funerário havia colapsado, a resposta era “tudo certo”. Em raras ocasiões havia algum comentário sobre uma vítima da doença e a família do mesmo ou sobre a suspeita de algum colega ter contraído o vírus, porém tudo era em um contexto descrito como se fosse de normalidade.

Para João existe certa conformação com seu cargo, não reclamava dos afazeres e concordava com Pedro quando este dizia como seu trabalho era comum. Diz que se acostumou, mas faz ressalvas quando o cadáver é de criança, pois lembra-se de seus filhos e a situação o toca bastante. É possível perceber que mesmo que concorde com a insistência de Pedro sobre a ordinariedade da tarefa, não consegue escapar do confronto que se estabelece nessas circunstâncias.

Com João fazendo as mais variadas funções de manutenção, seja borrifando veneno, varrendo, recolhendo folhas e flores velhas; ou mesmo com Simão e André exibindo seus cargos com orgulho chocando o outro mas expressando sua familiaridade, essa aparente normalidade mais uma vez se faz presente, mesmo que seja com um discurso diferente. Nessa elaboração, confronta o outro por exotizar o que lhe é familiar, um familiar que é naturalizado dentro dessas condições de aceitação do serviço enquanto este lhe oferecer a possibilidade de fazer outras atividades além de enterros e exumações; ou ainda na condição de perceber a diferença como algo de fato exótico. Quando André diz não haver novidades no cemitério em relação a nova situação de pandemia, suas afirmações se aproximam da fala de Pedro, pois elabora um padrão regular de uma condição exótica e particular.

No que se refere as compreensões obtidas sobre o trabalho dos coveiros, afirmo que não é possível compreender o mesmo sem antes entender os coveiros. Suas origens e ansiedades, relações e formas de lidar com o serviço são as bases que forjam o entendimento sobre o que é ser coveiro, pois estes não são apenas funcionários, mas pessoas com histórias próprias que elaboram toda uma cadeia de relações e constituem nessa necessidade uma comunidade.

### **3.2. Administração e controle**

O cemitério em questão é municipal, sendo assim, é mantido pelo Estado. Tendo funcionários com diferentes responsabilidades, variando entre administração do cemitério, funerárias, os coveiros, por exemplo, seus contratos partem de empresas distintas. Assim os

servidores que trabalham na administração do mesmo, são contratantes do Estado; os assalariados que trabalham nas três funerárias, são contratados a partir delas; e os coveiros são agentes de uma empresa terceirizada contratada pelo Estado na manutenção do cemitério.

Durante o trabalho de pesquisa, a empresa que até então fazia a contratação dos coveiros, expirou o convênio que não foi renovado, assim uma nova empresa se tornou responsável pela administração desses funcionários. Nesse processo André foi demitido, e vários funcionários, não só do cemitério referido, mas de aproximadamente quatro cemitérios da Grande Florianópolis, foram transferidos. Assim João e Filipe, saíram do mesmo, sendo transferidos para outros cemitérios, para a chegada de Natanael e Simão, que já trabalhavam no mesmo cargo em outras regiões.

O pagamento, uniforme, luvas, objetos de higiene como papel higiênico e sabonete, são incumbências da empresa terceirizada em relação aos coveiros. Nesse momento de pandemia, é também sua função, disponibilizar álcool em gel e máscaras, o que nem sempre acontece. Os servidores fazem pedidos a empresa sobre esses produtos que acabaram, mas estes não chegam; com medo da transmissão do vírus, Pedro compra com seu dinheiro álcool para utilizar durante o trabalho.

Esse medo existe, porém durante a última visita física ao campo, nenhum dos funcionários usava máscara. Nesse dia estavam presentes o Pedro, Simão e Natanael, como coveiros, mas trabalhando na manutenção de uma cova, construindo ao redor da mesma uma estrutura do mausoléu, estava Mateus. Trabalhando a mais de vinte anos na confecção das carneiras e em outros assuntos relacionados a constituição das covas, Mateus é o mais antigo funcionário do cemitério que não tem ligação por contrato com o mesmo, isto é, as famílias que tem interesse de construir uma estrutura diferente de lápide, ou quando é o caso, precisa de uma carneira para enterrar um ente querido, entra em contato com Mateus para que este faça o serviço. É necessário que toda cova nova, sem nenhum corpo enterrado, que vá receber um cadáver, tenha essas placas de concreto conhecidas como carneiras, quando a cova não tem essa condição, os próprios coveiros indicam os serviços de Mateus aos familiares.

Nesse dia em questão, durante o estado de pandemia e quarentena, os homens trabalhavam em conjunto sem máscaras. Quando cheguei usando a minha, Pedro disse que como trabalham sempre juntos, não usavam máscaras o tempo todo. Durante a visita, três homens, irmãos, chegaram procurando a cova da família para enterrar um de seus irmãos falecido a pouco tempo. Estes usavam máscaras, mas um deles mantinha o nariz para fora.

Depois de vários minutos procurando o terreno, com a ajuda de todos os coveiros, mas por fim com a ajuda certa de Mateus, achamos a cova, o que depreendeu uma série de outras normativas para que fosse possível o enterro. Nessa relação, ficou clara a posição de Pedro como o mais antigo e responsável pela etapa administrativa. Assim indicou a Simão e Nataneal, mais novos no serviço deste cemitério, que buscassem a localização da cova e conferissem se esta tinha carneira, pois caso não tivesse, deveria ser providenciada. Houve certa relutância de Simão em conferir, já que Mateus dizia que a cova tinha carneira que ele havia feito e para conferir era necessário tirar a cobertura bastante pesada de granito da cova.

Conferida esta etapa, Pedro se dirigiu a família, que perguntou sobre a possibilidade de velório em época de pandemia. Os coveiros mais novos pensavam que era de no prazo de uma hora e meia, mas instituíram a Pedro o papel de reconhecer o correto. O prazo era de três horas, com limite de pessoas, o que gerou piada por um dos irmãos. Em seguida Pedro passou a perguntar aos mesmos se estes tinham todos os documentos sobre a posse da cova e liberação do corpo, estes disseram que sim, Pedro insistiu e disse que eles precisariam do documento que afirmava a posse da cova por parte da família se não eles não poderiam fazer o enterro, indicou então a prefeitura como local a ir para buscar este comprovante.

Enquanto Pedro conversava com os irmãos, insistindo na presença, comprovação e autenticação dos documentos, os coveiros mais novos se afastaram deixando-o lidar com a situação. Me afastei junto com eles observando a cena e a relação dos três no trabalho. Mais tarde, quando os irmãos foram embora e Simão também, Pedro reclamou da relação que tinha até momento com Simão, pois este não era esforçado como Natanael, e deixava grande parte do serviço, para os outros dois; a queixa era agravada por Pedro, por este ser responsável pelos colegas, já que era o mais antigo no cargo, como posto anteriormente.

Existe uma série de documentos necessários para o enterro, entre eles estão aforamento<sup>22</sup> do terreno em que a família ou amigos pretende enterrar o cadáver, e uma terceira via da certidão de óbito<sup>23</sup>(MEDEIROS, 2016); sendo preciso que antes ou durante o processo, um membro da família que tenha responsabilidade sobre a cova, preencher um formulário com informações sobre, por fim assinando-o.

Segundo Filipe, os corpos que chegam atualmente e tem suspeita ou confirmação de morte por coronavírus, tem marcação “D3” na certidão de óbito; nesses casos, não há velório,

---

22 Aforamento funciona como se fosse a escritura da cova, do terreno.

23 Certidão de óbito se difere do atestado de óbito por ser emitido por um cartório, enquanto o atestado é emitido por um médico para declarar a morte da pessoa.

os caixões são lacrados e não podem ser abertos, o enterro se desenrola de forma rápida, assim que o corpo chega ao cemitério. Em um desses casos ocorrido no cemitério, todas essas recomendações foram seguidas, porém a cova era em um mausoléu. André que ainda trabalhava no cemitério, conta que ficou bastante incomodado com a situação, pois muitos membros da família queriam entrar no prédio para acompanhar o enterro; ele temia não tanto pelo contato e possível contágio pelo corpo, pois este estava completamente lacrado, mas pelo contato com a família, já que alguém em contato com a vítima poderia estar doente.

Conta ainda que todos os coveiros envolvidos estavam de máscara e luvas, mas que se sentiu compelido a brigar com os familiares do cadáver por conta desse descumprimento das regras. Em outro enterro com as mesmas restrições, conta que a família se comportou diferente, tendo poucos membros presentes, mantendo-se distantes e com máscaras, observando ainda, que se tratava de uma cova sem mausoléu. Foram poucos casos de morte por Covid-19 no cemitério, porém é possível acompanhar tanto as dificuldades dos coveiros em enfrentar as famílias que não obedecem às recomendações, como dos próprios familiares em se manterem dentro das regras.

Retornando a problemática colocada anteriormente, a normalidade forçada por parte dos coveiros em relação a pandemia, colocando dentro da esfera de banal esse momento particular, é quebrada por estas situações. Na primeira vemos a dificuldade em manter a família da vítima, dentro da ordem do novo normal, forçando o choque entre o que costumava ser familiar e agora não é mais. E a segunda exatamente por seguir a nova forma, deixa exposta a diferença entre o que foi e como deve ser, isto é, em nenhum dos casos é possível manter a “normalidade”, pois esta não existe mais, mesmo que os coveiros, particularmente referindo-se a André que traz o relato, o apresente nessa e em outras conversas relacionadas a mudanças ocorridas no cemitério, não percebidas por ele, a noção de normalidade.

### **3.3. Morte mas não fim**

É possível observar que diferentes sociedades exibem formas distintas de lidar com a morte, no Tibete homens tem como serviço o esquartejamento de corpos para que este seja comido por aves<sup>24</sup>, na comunidade de Toraja, em um período de aproximadamente três anos, os corpos de seus familiares e amigos são exumados para limpeza e celebrações (DOUGHTY,

---

24 O nome desse profissional é rogyopa.

2017). Mesmo dentro da sociedade Ocidental em que o cemitério em questão se efetiva, houveram divergências sobre a forma de lidar com os corpos, as famílias enlutadas e o tabu da morte (ARIEËS, 2017). Embora os exemplos anteriores se refiram a países asiáticos, é possível perceber mudanças no modo de lidar com os cadáveres na sociedade atual ocidental. A empresa Recompose de Katrina Spade, traz a opção de compostagem de corpos humanos como uma alternativa aos conhecidos rituais funerários (DOUGHTY, 2017).

No contexto atual e no cemitério em questão que se estabelece a pesquisa, os rituais fúnebres se relacionam a prática de enterro do corpo, com possível cuidado da lápide e cova, por parte de familiares e amigos, promovendo a manutenção da mesma, levando flores ou velas. As capelas presentes no espaço do cemitério, pronunciam a necessidade de expressar o luto estabelecendo, assim, o ritual velório. Neste, diferentes religiões podem atribuir a um representante de sua igreja, por exemplo, o papel de orador, ou seja, quem discursa palavras de pesar, promessas de vida em outro plano ou lembranças da pessoa em vida.

Embora o presente trabalho se refira a um cemitério municipal específico da Grande Florianópolis, portanto apresente cerimônias e hábitos relacionados à uma prática bastante conhecida do processo de velório e sepultamento, existem diferentes formas de lidar com o corpo morto que podem não envolver nem mesmo um caixão, como explorados nos exemplos acima. Um aspecto interessante, porém, converge seja nos exemplos, como no cemitério em questão: o mercado que se estabelece a partir da morte.

Esses rituais, expressam entre outros signos, esquemas comerciais, seja na contratação de mão de obra especializada, seja na preparação do corpo ou nas celebrações que antecedem o sepultamento. No caso acompanhado de velório<sup>25</sup>, a decoração do ambiente da capela envolve um sistema de compra e aluguel de pedestais, flores. O caixão onde o corpo é colocado, é uma escolha pessoal dos familiares; seus valores variam de acordo com o grau de luxo do objeto. A preparação do corpo por parte de uma funerária compreende todo um comércio estabelecido a partir da morte.

Dentro do cemitério municipal, três funerárias oferecem seus serviços, que envolve o transporte do corpo do hospital, por exemplo, para a funerária, que neste caso pode coincidir com o local de enterro; lavagem e preparo do corpo. Ainda no espaço do cemitério, uma floricultura consuma mais uma forma de comércio, seja para a confecção e venda de coroas

---

25 Caso do velório da minha tia mencionado diversas vezes durante a pesquisa.

de flores para o momento de velório e sepultamento, seja para a manutenção e visita dos familiares ou amigos.

Pensando na questão de propriedade da cova, essa se ordena a partir da compra de um espaço no cemitério, sendo assim, esta comercialização do processo de morte se inicia com a compra do terreno. No cemitério, como explorado em capítulos anteriores, não existe mais a possibilidade de compra de um lote, pois este se encontra lotado. Em casos raros e específicos, acontece a abertura de uma nova cova, mas de forma geral isto não acontece. Assim, compreende-se que apenas quem tem familiares ou um espaço comprado no mesmo, com documentos de prova tal afirmação pode fazer o sepultamento se necessário.

Respeitando-se o limite de cinco anos para abertura de cova, quando existe um cadáver na mesma, pode-se a partir do documento de aforamento, comprovar a legitimidade da propriedade da cova e proceder com o enterro.

A relação de comércio com Mateus é outro exemplo dessa mercantilização da morte. Após feita a compra da cova, acionada uma agência funerária para lidar com o corpo, prepará-lo para a cerimônia, compra de flores e velas; é necessário conferir com os coveiros, se a cova traz carneira. Quando já existe um cadáver decomposto no espaço, é bem possível que está traga a estrutura, uma vez que é obrigatório o uso da mesma, porém em casos de corpos e covas muito antigos, é possível que não exiba, uma vez que o cemitério é bastante antigo<sup>26</sup> e a obrigatoriedade da mesma começou a se efetivar certo tempo depois da consolidação do mesmo.

Após o sepultamento, as famílias podem elaborar diferentes estruturas estéticas para a cova, variando entre concreto, mármore, mausoléus, sendo necessária a colocação da lápide com o nome dos cadáveres enterrados ali, mantendo-a limpa. Esta especificidade acontece, pois, além de facilitar o trabalho dos coveiros na comprovação e localização dos espaços, mantém a identidade do corpo. Como visto ao decorrer da pesquisa, quando um corpo é enterrado com identidade, mas com o passar do tempo apaga-se o nome na lápide ou a placa nunca é colocada, quando seus parentes e amigos param de visitar o local, seu estatuto de

---

26 Após fazer contato com o coveiro Pedro, que não soube me informar a data de abertura do cemitério, fiz pesquisa pela internet sobre e não obtive resultados. Conversei com familiares mais velhos perguntando se sabiam uma data aproximada, eles não sabiam. Procurei o número de telefone do cemitério na internet, liguei, mas o número deu como inexistente. Por fim fui até o mesmo. Este exibia a data de abertura das capelas, anos 2000, mas não do cemitério; fui à administração, que estava com a porta aberta mas sem ninguém. Observando que os coveiros apontaram a parte mais antiga do cemitério, observei as lápides e as mais antigas datam os anos de 1960, assumo então que esta é a data aproximada de abertura do mesmo.

corpo identificado, se transforma para um corpo indigente. Assim é retirado da cova para um ossário, ou enterrado no mesmo espaço, mais abaixo do terreno que irá abrigar um novo cadáver.

Essa movimentação monetária que se consolida a partir dos corpos mortos, representou uma reforma no comércio especializado, principalmente quando se refere aos Estados Unidos (RODRIGUES, 2006), mas não apenas, uma vez que essa transformação atuou em toda a esfera da cultura ocidental (ARIÈS, 2017). Ao compreender o tabu da morte como uma negação desse estado, um afastamento da situação que começa desde a condição de moribundo (KUBLER-ROSS, 2017), entende-se a necessidade de mão de obra especializada no cuidado do corpo morto, alterando a responsabilidade da família para alguém que trabalhe com isso (DOUGHTY, 2017). Assim alguns desejos, como uma filha cuidar do corpo da mãe em casa, exemplo de Doughty (2017), tornaram-se estranhos, exóticos, diferenciando-se do antigo familiar, onde os parentes do morto lidavam com o preparo do mesmo.

Embora esse acontecimento apresente intrinsecamente aspectos de uma cultura predominantemente capitalista, como as características apresentadas acima, a presente pesquisa busca se concentrar nas relações consentidas a partir do trabalho dos coveiros. Mesmo que essa em si, traga fundamentos dessa concepção, entendendo os coveiros como trabalhadores, assalariados que recebem para concretizar seus serviços, o tema se elabora como uma grande pesquisa que não pode ser totalmente abarcada na totalidade desse trabalho. É intenção futuramente retornar ao tema, afim de concluir as problemáticas inicialmente discutidas aqui.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas metodologias aplicadas ao trabalho de campo, a etnografia clássica proposta por Malinowski (1984), no contato direto com os coveiros, mesmo em época de pandemia, que alterou a forma de contato para o campo digital, assim aprendendo sobre outros aspectos da perspectiva desses trabalhadores, foi possível estabelecer esta pesquisa dentro do campo empírico, notando as relações que se concretizam a partir da observação flutuante (PÉTONNET, 2008).

Nesse sentido, foram exploradas problemáticas relacionadas ao conhecimento prévio sobre o campo, até o momento de “estalo” (MAGNANI, 2009), onde o tema de pesquisa se fez notar, mesmo quando sua possibilidade já havia sido apontada, mas não especulada. O processo de aceitação do objeto de pesquisa, se formulou compreendendo a necessidade de estranhar o que me era familiar (VELHO, [ca. 1974]) e observando na experiência etnográfica, um exótico (DAMATTA, 1978) que exigia análise.

Assim, se reconheceu toda extensão do cemitério, pois o que era conhecido, se modificou com o tempo, com as condições que o trabalho de campo apresentava. Aprendi a falar, a conversar com os coveiros sobre o seu serviço, sobre suas vidas; aprendi a ver, observar aspectos do cemitério e das relações dos coveiros, que a eles, são cotidianas. Aprendi a sentir os cheiros e me deixar afetar por eles (MEDEIROS, 2014). Quando, enfim, iniciei a parte escrita desse trabalho de várias fazes (DAMATTA, 1978), organizei os dados, as fotos e histórias recolhidas durante a etnografia, na apresentação da metodologia, conceitos e descrição do campo, para que essa experiência fosse transmissível pelas palavras e que os pesquisadores ou interessados, os leitores desse trabalho, pudessem descobrir essa pesquisa comigo.

Portanto no capítulo um, os métodos de pesquisa são apresentados, para nos prepararmos para o campo; em seguida, explico como conheço o campo, como o entendi como objeto de pesquisa e como este tem me afetado de diferentes maneiras desde antes da concepção deste trabalho; descrevo então a colina onde o cemitério se encontra, para que fiquemos familiarizados com seus espaços e por fim, exploro como a pandemia afetou o trabalho de campo, transpondo-o do físico para o digital.

Foi preciso entender como a morte se coloca para nossa sociedade ocidental, para compreender diversos aspectos das relações com os corpos que os coveiros e outros

interlocutores expressaram durante o desenvolvimento da etnografia. Assim, o tabu da morte se apresenta como principal motivo de análise dentro dessa perspectiva. Traçando uma história que se desenvolve desde a Idade Média, é possível abranger as características desse processo (ARIÈS, 2017).

Compreender que o desenvolvimento da medicina significou uma grande mudança para o modo de morrer (KÜBLER-ROSS, 2020), facilita o entendimento sobre o todo, sobre o tabu da morte e como este se relaciona as noções de doenças e poluições (DOUGLAS, 2017) que o corpo morto representa. A partir desses estudos, foi possível trazer um olhar mais analítico no panorama da pesquisa, projetando as atividades dos coveiros e outros interlocutores que se mostravam nebulosas, dentro das questões trazidas por essas problemáticas.

São nas técnicas do cotidiano dos coveiros, onde essas concepções se apresentam. Sendo assim, refletir sobre como se constitui essa profissão, quais os procedimentos e estratégias são utilizadas diariamente nesse trabalho de fronteira que é o trabalho dos coveiros, é parte inevitável e indispensável. As exumações são, portanto, o momento em que esses trabalhadores, encontram-se pela primeira vez com os cadáveres; no momento do sepultamento, lidam com caixões e conseqüentemente este é interpretado como objeto, no momento da exumação, porém, existe a possibilidade de encarar corpos que não foram totalmente decompostos, que não ainda não perderam sua identidade na transformação para ossada, que ainda trazem características poluentes (DOUGLAS, 2017).

Por fim, vale apontar quem são os coveiros, esses homens que na sua gama de identidade, superam as relações apontadas durante o desenvolvimento desta pesquisa. Enquanto o trabalho busca limitar seu foco, dentro do terreno do cemitério, os coveiros buscam trazer para este meio, características que os classifiquem além do que coveiros. Esta observação, consta na própria relação que esses trabalhadores mantêm com o serviço, com os colegas e com os mortos.

Enquanto funcionários de uma empresa, estes prestam um serviço essencial a sociedade, sem deixar de responder a seus chefes; suas relações são intrínsecas as exigências do trabalho, o que inclui lidar com a família dos falecidos, a fim de estipular e comprovar aspectos como quem é o proprietário da cova, considerando ainda a necessidade de outros documentos e objetos, como as carneiras, que sem eles não é permitido o sepultamento.

A particularidade observada acima, caracteriza mais um aspecto do processo de morte, não apenas em nossa sociedade ocidental, como em diferentes partes do mundo (DOUGHTY, 2017), a mercantilização da morte. A partir da compreensão do estabelecimento do tabu da morte (ARIÈS, 2017), das atuais representações sobre o moribundo (KÜBLER-ROSS, 2017), é possível compreender em que sentido o comércio que circunda, isto é, que prevalece a partir da morte, se concretiza. Embora o tema explicitado seja de interesse e significância extremos, é também extenso, portanto assim como os coveiros exprimem essa categoria de fronteira de lidar com a morte e a vida, este último capítulo é fronteira entre a finalização da presente pesquisa e introdução à uma futura.

Na pesquisa em questão, falamos de morte. Apresentando a consolidação do tabu da morte, as relações que se estabelecem no trabalho dos coveiros, suas técnicas e exigências administrativas, observadas a partir de métodos antropológicos que orientam a compreensão da mesma. O trabalho é um esforço que busca explorar as atividades dos coveiros, fugindo do estereótipo sobre os mesmos, desconstruindo uma noção de medo ou receio sobre o cemitério para que a partir disto, seja possível encarar com mais naturalidade o processo de luto, entendendo a necessidade de fazê-lo. É preciso retomar a intimidade que uma vez tivemos com o morrer e acolher a morte, como uma velha amiga.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillippe. A História da Morte no Ocidente: Da Idade Média aos nossos tempos. Ed. Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

BLOCK, Pamela. Bearing Witness in a Pandemic. 2020. <<http://blog.wennergren.org/2020/06/the-future-of-anthropological-research-ethics-questions-and-methods-in-the-age-of-covid-19-part-i/>> Acesso em 14 de novembro de 2020.

BUTLER, Judith. Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto? 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CORTADO, Thomas Jacques. ‘Tem de enfrentar a chuva’: Casa, vida e mobilidade entre camadas populares brasileiras. DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Reflexões na Pandemia, p 1-5, junho de 2020.

DAMATTA, Roberto. O Ofício do Etnólogo, ou Como Ter Anthropological Blues. Boletim do Museu Nacional: Antropologia, nº 27, maio de 1978. P.1-12.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. 2ª edição, 3ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2017.

DOUGHTY, Caitlin. Para Toda Eternidade: Conhecendo o mundo de mãos dadas com a morte. São Paulo: Darkside, 2017.

FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Medicina Social. [ca. 1972].

GARRIDO, R. G. ALMEIDA, M. P. Impasses entre dignidade e saúde no manejo de cadáveres da COVID-19: identificar ou reconhecer? Revista CSS: 2020, Suppl 1:84-93.

GELL, Alfred. Art and Agency: An anthropological theory. 1ª edição. Oxford: Oxford University Press, 1998.

LAGE, Giselle Carino. Revisitando o método etnográfico: contribuições para a narrativa antropológica. Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009. P. 3-7.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como Prática e Experiência. Revista: Horizontes Antropológicos, nº 32, ano 15, jul./dez. 2009. P 129-156.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984.

MEDEIROS, Flavia. Visão e Cheiro dos Mortos: Uma experiência etnográfica no Instituto Médico-Legal. Revista: Cadernos de campo, nº 23, 2014. P. 77-89.

MEDEIROS, Flavia. Matar o Morto: Uma etnografia do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: EDUFF Editora da Universidade Federal Fluminense, 2016.

MEDEIROS, F. ANJOS, P. O novo coronavírus em Florianópolis: doença, violências e racismo. Mimeo.

MILLER, Daniel. Daniel Miller: “A antropologia digital é o melhor caminho para entender a sociedade moderna”. Revista: Z Cultural, 2015. P 1-5.

PAPANDUVA. **Decreto nº 2978, de 25 de agosto de 2020.** Estabelece novas medidas de prevenção e enfrentamento do coronavírus (Covid-19) na região do Planalto Norte e dá outras providências. Disponível em <<https://www.papanduva.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/18206/codNoticia/632242>> Acesso em 23 de novembro de 2020.

PÉTONNET, Colette. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. Revista: Antropológica, nº 25, 2008. P. 99-111.

RODRIGUES, José Carlos. Otabu da morte. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

SOBRE a doença. Ministério da Saúde, 2020. Disponível em <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 14 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Decreto 515, de 17 de março de 2020.** Declara situação de emergência em todo o território catarinense, nos termos do COBRADE nº 1.5.1.1.0 - doenças infecciosas virais, para fins de prevenção e enfrentamento à COVID-19, e estabelece outras providências. Disponível em <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=390995>>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Decreto nº 30.570, de 14 de outubro de 1986.** Regulamenta os artigos 48, 49 e 50 da Lei nº 6.320, de 20 de dezembro de 1983, que dispõem sobre Cemitérios e Afins. Disponível em <[file:///home/nicolle/Downloads/decreto%20estadual%20n%2030570%201986%20-%20dispe%20sobre%20cemitrios%20e%20afins%20\(1\).pdf](file:///home/nicolle/Downloads/decreto%20estadual%20n%2030570%201986%20-%20dispe%20sobre%20cemitrios%20e%20afins%20(1).pdf)>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Lei nº 6.320, de 20 de dezembro de 1983.** Dispõe sobre normas gerais de saúde, estabelece penalidades e dá outras providências. Disponível em <[http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1983/6320\\_1983\\_Lei.html](http://leis.alesc.sc.gov.br/html/1983/6320_1983_Lei.html)>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Nota técnica DIVS nº 011/2020 – DIVS/SUV/SES/SC, de 16 de março de 2020.** Informações sobre medidas de prevenção da infecção humana pelo novo coronavírus (Covid-19) dirigidas aos velórios. Disponível em <[http://www.dive.sc.gov.br/notas-tecnicas/docs/Nota%20T%C3%A9cnica%20011%20VEL%C3%93RIOS%20\(1\).pdf](http://www.dive.sc.gov.br/notas-tecnicas/docs/Nota%20T%C3%A9cnica%20011%20VEL%C3%93RIOS%20(1).pdf)>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Nota Técnica Conjunta nº. 025/2020 –DIVS/DIVE/SUV/SES/SC, de 29 de março de 2020.** Orientações para prevenção de contágio pelo novo coronavírus (Covid-19) pós-óbito para atividades de necrotérios, funerárias, cremação, serviço de verificação de óbito, transladação de cadáveres e e velórios no estado de Santa Catarina. Disponível em

<[http://www.dive.sc.gov.br/notas-tecnicas/docs/025\\_Nota%20Conjunta%20P%C3%93S-OBITO\\_COVID\\_19\\_29\\_03.pdf](http://www.dive.sc.gov.br/notas-tecnicas/docs/025_Nota%20Conjunta%20P%C3%93S-OBITO_COVID_19_29_03.pdf)>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

SANTA CATARINA. **Portaria nº 639/SES, de 19 de agosto de 2016.** Aprova os procedimentos técnicos e operacionais, visando disciplinar as atividades inerentes aos Serviços de Necrotério, Serviço de Necropsia, Serviço de Somatoconservação, Capela Mortuária, Cemitério, Inumação, Exumação, Cremação e Transladação e congêneres no âmbito do Estado de Santa Catarina. Disponível em <<http://www.vigilanciasanitaria.sc.gov.br/index.php/131-noticias/noticias-2016/803-portaria-n-639-ses-de-19-de-agosto-de-2016>>. Acesso em 23 de novembro de 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar in: individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. [ca. 1974].